



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LAÍZA MARCHIORI SARAIVA

**É SÓ MALDADE ENTÃO, DEIXAR UM DEUS TÃO TRISTE: OS IMPACTOS DO
IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL PRESENTE NO PROCESSO DE CONQUISTA E
COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA ESPANHOLA**

ERECHIM

2022

LAÍZA MARCHIORI SARAIVA

**É SÓ MALDADE ENTÃO, DEIXAR UM DEUS TÃO TRISTE: OS IMPACTOS DO
IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL PRESENTE NO PROCESSO DE CONQUISTA E
COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA ESPANHOLA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Bittencourt

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Saraiva, Laíza Marchiori

É só maldade então, deixar um Deus tão triste: Os impactos do imaginário cristão medieval presente no processo de conquista e colonização da América Espanhola / Saraiva, Laíza Marchiori . -- 2022.
57 f.

Orientador: Doutor Paulo José Sá Bittencourt

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim,RS, 2022.

1. Imaginário. Cristianismo. Cristóvão Colombo.. I. ,
Paulo José Sá Bittencourt, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LAÍZA MARCHIORI SARAIVA

**É SÓ MALDADE ENTÃO, DEIXAR UM DEUS TÃO TRISTE: OS IMPACTOS DO
IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL PRESENTE NO PROCESSO DE CONQUISTA E
COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA ESPANHOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 04/10/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paulo José Sá Bittencourt
Orientador



Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga
Membro



Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, Roque Saraiva, um grande homem, que sempre me incentivou e apoiou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial ao meu pai Roque Saraiva, que sempre me incentivaram a seguir com os estudos e correr atrás dos meus objetivos.

A Universidade Federal da Fronteira Sul, que me possibilitou entrar no ensino superior público de qualidade e a realizar o desejo de cursar Licenciatura em História.

Agradeço imensamente a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica. Em especial, ao meu orientador, professor Paulo Bittencourt, por aceitar o convite, por toda dedicação e paciência nesse complexo processo de escrita da monografia.

E a Vitória Bandeira, companheira e amiga que esteve comigo desde o início, me incentivando e ajudando, fazendo com que essa jornada se tornasse mais leve e feliz.

EPÍGRAFE

Em 1492, os nativos descobriram que eram índios,
descobriram que viviam na América,
descobriram que estavam nus,
descobriram que deviam obediência a um rei e a uma rainha de outro mundo e a um
Deus de outro céu,
e que esse Deus havia inventado a culpa e o vestido
e que havia mandado que fosse queimado vivo quem adorasse o Sol e a Lua e a terra
e a chuva que molha essa terra. (GALEANO, 2011, não paginado).

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito pensar, diante das leituras e análises de fontes, a relação entre o imaginário cristão medieval e o processo de conquista da América Espanhola. Diante disso, busca apresentar como as influências do cristianismo estiveram presentes no território americano e, direcionando o olhar e as ações do colonizador em relação aos nativos ameríndios. Além de apresentar como a configuração do continente europeu, em especial do território espanhol e a acentuada expansão da cristandade, a partir do ano mil, iniciam um longo processo de dominação dentro e fora do continente europeu. Ainda, propõe refletir sobre como a relação instituída desde o momento da “descoberta” até a colonização de fato, procuram desvalorizar e sufocar de diversas maneiras a cultura e a alteridade das sociedades nativas. Dentro dessa perspectiva, analisar os aspectos relacionados à mentalidade e a religiosidade do homem europeu e sua conseqüente extensão para o continente americano, é um dos principais objetivos do trabalho. Nesse sentido, a figura de Cristóvão Colombo ganha destaque na apresentação das reflexões, pois é a partir de seu olhar em um primeiro contato com o território americano e com os índios, que identificamos como o imagético cristão alcançou a América. Além de ter sido um importante fator de justificativa para as atrocidades cometidas contra essas sociedades. As fontes utilizadas para realização desta monografia consistem na análise dos diários de Cristóvão Colombo, mais especificamente sua primeira viagem e também os relatos contidos no livro “O Paraíso Destruído” do Frei Bartolomé de Las Casas.

Palavras-chave: Cristianismo; Cristóvão Colombo e América Espanhola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. RAÍZES DO CRISTIANISMO MEDIEVAL: O CONTEXTO DA CRISTANDADE A PARTIR DO ANO MIL.....	13
2.1 A PRODUÇÃO E PROPAGAÇÃO DO IMAGINÁRIO CRISTÃO NA EUROPA.....	18
2.2.1 A figura da monarquia espanhola no século XV.....	25
2.3 CRISTÓVÃO COLOMBO: O PROJETO DE UMA VIDA E TRÊS CARAVELAS.....	28
3. A PRESENÇA DO IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL NO PROCESSO DE CONQUISTA DA AMÉRICA ESPANHOLA.....	32
3.1 PARAÍSO IMAGINADO: A VISÃO DO CONQUISTADOR ACERCA DAS TERRAS ANTÍPODAS DO SUL DO MUNDO.....	37
3.2 A FIGURA DOS NATIVOS ATRAVÉS DO OLHAR DE CRISTÓVÃO COLOMBO..	41
3.3 A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI E OS IMPACTOS DO CRISTIANISMO: A ALTERIDADE EXISTENTE NA AMÉRICA ESPANHOLA.....	46
3.3.1 Conquista espiritual: vieram do céu e destruíram o Paraíso.....	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
FONTES.....	56
REFERÊNCIAS.....	56

1. INTRODUÇÃO

O momento histórico que encerrava o século XV e adentrava o século XVI, para os europeus, ficou marcado como um período de grandes conquistas e realizações. A chegada à América representava, em aspectos militares, a expansão territorial e o enriquecimento da Europa. Já no aspecto da religiosidade, muito presente nesse período, significava a expansão da fé cristã e a dominação do cristianismo sobre diferentes povos. Nesse sentido, a “descoberta” e conquista da América Espanhola, tida como um grande feito por seus precursores iniciou um dos maiores genocídios e destruição da história.

É corrente citar a palavra “descobrimento” quando averiguamos os processos que inseriram o continente americano no espaço mundial. Mas o que se sucedeu na América não pode assim ser denominado, pois “Só se descobre uma terra sem habitantes; se ela é ocupada por homens, não importa em que estágio cultural se encontrem, já existe e não é descoberta. Apenas se estabelece seu contato com outro povo.” (Iglésias, 1992, p. 23). A chegada de Cristóvão Colombo e sua esquadra no território americano nada mais foi do que uma invasão financiada e apoiada pelo Estado espanhol. Dentro desse contexto, a expressão “descobrimento” implica em uma errônea designação.

Ao analisar a invasão da América Espanhola e seu processo de conquista, é de extrema importância atentar ao fato de que, tais aspectos estão diretamente relacionados à cultura e aos costumes que compunham a Europa medieval e também sua sociedade. O homem europeu desse período possuía uma forte ligação com a religiosidade. Seu imaginário era repleto de crenças e suposições que refletiam aspectos da moral cristã. Foi através de tal imaginário que Colombo e tantos outros europeus foram influenciados no processo de conquista e colonização da América. Porquanto, o intuito do trabalho que se segue, é analisar como o imaginário cristão medieval, presente na figura dos conquistadores, influenciou e impactou suas percepções acerca do território americano e dos nativos ameríndios. Elucidando, como as atrocidades cometidas por eles contra os indígenas, estavam associadas à mentalidade medieval imbuída dessa religiosidade.

Com ênfase na região colonizada pela Espanha, compreender a conquista da América Espanhola e sua conseqüente colonização engloba inúmeras questões que estão vinculadas à violência disseminada e praticada dentro do território americano. À vista disso, analisar como

a religiosidade e a mentalidade do medievo estiveram presentes em todo o processo, é de extrema importância, pois embora cronologicamente o período medieval tenha se findado no século XV, suas concepções e práticas ainda estavam muito vivas e transcenderam o continente europeu por meio dos agentes conquistadores. Através das percepções que refletiam uma religiosidade específica e projetavam no “outro” aspecto de selvagem, é necessário pensar de modo mais direcionado a expressiva relação que o homem europeu estabelece com o cristianismo e suas recorrentes interpretações. Logo, tais reflexões possibilitam melhor analisar as violações cometidas por eles em nome de Deus.

Sendo assim, os principais objetivos do presente trabalho, concentram-se em abordar as questões e aspectos que contextualizam as raízes do cristianismo medieval e o crescimento de sua cristandade a partir do ano mil. Bem como, o imaginário cristão esteve presente nos processos da expansão europeia, não somente em seu território, mas principalmente, no território americano. Em consonância com essas configurações, evidencia-se a alteridade existente na América e como tal aspecto era percebido e assimilado pelo conquistador. A violência inerente ao imaginário europeu aqui abordado procura dimensionar as atrocidades cometidas contra os nativos americanos.

As metodologias utilizadas para construção do trabalho foram pensadas a partir de dois eixos. Primeiramente, uma revisão bibliográfica de obras que versam sobre a Idade Média em seus diferentes aspectos. Em sua maioria, tais obras pertencem a grandes estudiosos do período, como, por exemplo, o medievalista Jacques Le Goff. Ainda, são revisados também materiais de autores que estudaram e refletiram acerca da conquista e colonização da América Espanhola, destacando, Tevzetan Todorov. Em um segundo momento, mais adiante, são analisados relatos contidos nos diários de Cristóvão Colombo, tendo como foco sua primeira viagem, mais especificamente o mês de outubro de 1492. Tais relatos são utilizados como fonte de pesquisa.

Diante do que foi exposto, o trabalho foi construído com dois capítulos e subcapítulos que possuem o intuito de apresentar e argumentar sobre o tema proposto. No primeiro capítulo, são abordadas questões como, o cristianismo dentro do contexto medieval; a produção e conseqüente propagação do imaginário cristão dentro da Europa; o território espanhol e sua relação com o cristianismo; a consolidação da monarquia espanhola e sua forte ligação com o mundo medieval e a religiosidade, e a figura de Cristóvão Colombo dentro desses contextos enquanto precursor inicial do processo de conquista. No segundo capítulo, adentramos às questões direcionadas mais propriamente à América Espanhola. São

trabalhados aspectos como, a presença do imaginário cristão no processo de conquista; as percepções do conquistador acerca das ilhas que encontra no continente americano e também em relação aos nativos ameríndios. Além disso, são tratados aspectos acerca dos impactos do cristianismo já no processo de colonização e a alteridade existente no território. Por fim, as questões e aspectos da conquista espiritual que evidenciam e analisam as barbáries cometidas pelos espanhóis contra os indígenas da América do Sul.

2. RAÍZES DO CRISTIANISMO MEDIEVAL: O CONTEXTO DA CRISTANDADE A PARTIR DO ANO MIL

O grande movimento do ano mil do período medieval foi marcado pela consolidação do cristianismo no Ocidente da Europa. Entre os fatores importantes na esfera da cristandade, podemos ressaltar como mais nítido as estruturas econômicas, como afirmou o grande medievalista Jacques Le Goff (2005), em uma de suas mais importantes obras sobre o medievo: “Eis o sinal mais evidente do desenvolvimento da Cristandade, que se firmava em torno do ano mil. Esse grande movimento de construção certamente desempenhou um papel capital no progresso do Ocidente medieval entre os séculos 10º e 14.” Durante o período da expansão demográfica da Europa Medieval a partir do ano mil, a Cristandade também apresentou um crescimento nítido, fator que foi muito importante para o seu processo de consolidação. Essa expansão pode ser entendida como uma consequência do aumento populacional, uma vez que o crescimento demográfico do período criou a necessidade da conquista de novas terras e fundação de novas aldeias.

O nascimento de uma Europa a partir do ano mil da era medieval contou também com estratégias que reuniram forças políticas e religiosas, a união entre o império otomano e a representação máxima da Igreja Católica, o papa, o que culminou em uma unificação europeia, como explica Jacques Le Goff, em sua obra intitulada “As raízes medievais da Europa” (2007). A partir do ano mil, as questões políticas e econômicas que se configuravam na Europa medieval interferiram e estavam diretamente ligadas com o aumento e o crescimento da cristandade, principalmente na região que conhecemos hoje como Itália. Um grande movimento dos fiéis dessa cristandade foi a reconstrução e restauração das igrejas e capelas, um fator econômico de extrema importância no contexto em que esse mundo europeu está inserido e compreendido. O florescimento da Europa do ano mil chega de alguma maneira em todo continente, como destacou Le Goff (2007): “Quando o coração da Europa bate, bate mais ou menos forte em todo espaço, do oeste ao leste e do norte ao sul”.

A partir do momento em que se dá o florescimento da Europa, as questões religiosas envolvendo a cristianização de povos que se encontravam fora do âmbito europeu começaram a alcançar êxito. Diferentes povos são acoplados à cristandade, aumentando assim a legião de fiéis da Igreja Católica. As relações e ações do papado durante esse processo de cristianização ajudaram de maneira muito expressiva a consolidação dos acontecimentos que expandiam a

crisandade europeia. A forte ligação entre o Estado e a Igreja, em grande evidência nesse período, consolidou a conquista desses diferentes povos, que de maneira única e muito evidente ocupavam o espaço europeu com suas civilizações e enriqueciam cada vez mais a crisandade medieval.

O processo de cristianização que antes acontecia de maneira lenta, a partir do ano mil embora por vezes fosse conturbado, contou com um grande esforço dos representantes da instituição católica, principalmente no que diz respeito à parte central da Europa. Esses esforços estavam presentes tanto no plano eclesiástico como no plano político, numa relação muito coordenada. Segundo Le Goff:

“Vê-se, assim, como se realizou o processo de cristianização tanto no plano eclesiástico como no plano político. Em geral, a elevação de metropolitas está ligada à promoção de reis. Reencontraremos o problema de saber se houve uma Idade Média e, mais tarde, na longa duração, uma especificidade da Europa Central; notemos, em todo caso, nesta construção da crisandade, quanto o esboço da Europa, fora da conversão ao cristianismo favorece a instituição de Estados monárquicos. A Europa foi um conjunto de reis. (LE GOFF, 2007, pg. 71)

Após as importantes alianças políticas e religiosas para a expansão do cristianismo e consolidação dos povos não europeus como fiéis, buscou-se dentro da Europa medieval um movimento de paz. A grande maioria dos Estados e seus governantes procuraram estabelecer a paz em seus territórios com o intuito de empreender novas conquistas e também reconquistas, como foi o caso, por exemplo, do território espanhol. Foi também no ano mil que os cristãos buscaram derrotar os mulçumanos para reaver esse território, no movimento que ficou conhecido na história como a Reconquista Espanhola. A Espanha, país de tradição fortemente católica desde antes da tomada dos muçulmanos, foi um importante modelo do cristianismo após a reconquista, tendo um papel determinante na expansão da fé cristã para além do continente europeu e para além da Idade Média. Podemos entender o período de reconquista da Espanha como um período movimentado e conturbado. Segundo Le Goff (2005, p. 64), “Desde a metade do século 11, a Reconquista espanhola trazia consigo um clima de guerra religiosa (algo desconhecido até aquele momento) que preparava o caminho para as realidades militares e espirituais da cruzada”.

Dentro desse contexto, a expansão da crisandade medieval ocorreu a partir de uma importante questão militar, as Cruzadas, que se iniciaram no século XI e se estenderam até o século XIII. Através do discurso religioso se conseguiu impulsionar um movimento de conquista que abrangeu tanto o norte quanto o leste do continente europeu. Evidentemente, com a expansão religiosa continuava a tentativa de conversão dos povos que ocupavam essas

regiões, um processo que segundo Jacques Le Goff se realizou de maneira lenta e sob muitos choques, com uma série de acontecimentos que por vezes mesclaram e confundiram o processo de cristianização no período medieval, que, como citado anteriormente, só se tornou mais estável a partir do ano mil.

O advento das Cruzadas tinha como intuito a conquista e reconquista de territórios, sempre mantendo como base e justificativa o cristianismo e a fé cristã. Embora realizadas com muito empenho e com claros objetivos de expansão da fé e conquista de terras, as Cruzadas ainda não cessaram a vontade e impulso do homem europeu, e mais causaram prejuízos econômicos ao continente do que benefícios¹. Ainda, podemos entender, segundo Le Goff, que as cruzadas em determinadas regiões como, por exemplo, a Palestina exemplificaram um primeiro modelo de colonialismo praticado pelos europeus. O papel da Igreja Católica e seus representantes pareceu impulsionar as Cruzadas sob a crença de que o cristianismo estaria cumprindo o seu papel de combate aos infiéis.

As inúmeras tentativas da Igreja Católica em tentar utilizar as Cruzadas como elemento de consolidação do cristianismo falharam em diversos aspectos, mas o poder e controle que essa instituição perpetuava social e culturalmente durante o medievo solidificaram as bases de um imaginário e um ideário acerca da conquista de novas terras e cristianização de novos povos, como, por exemplo, a conquista da terra santa. As cruzadas e seus propósitos propagados pela Igreja imprimiam nos cristãos sentimentos de saciedade, como descreveu Le Goff:

“A sede de vadiagem que atormentava os cristãos, pouco afeitos às realidades da terra e a fixação ao solo, era de repente saciada numa peregrinação da qual tudo se podia esperar: aventura, riqueza, salvação eterna. A cruz era ainda no Ocidente não um símbolo de sofrimento, mas de triunfo.” (LE GOFF, 2005, p. 67)

Nesse momento tão significativo para a consolidação do cristianismo na Europa e gradual expansão para outros territórios, foi possível perquirir o peso e as consequências dessa expansão e imposição da fé cristã. Antes da sua introdução de alguma forma em praticamente todo o globo terrestre, alguns povos como, por exemplo, judeus e turcos, sentiram o peso dos desmandos e massacres da cristandade, assim como mais tarde aconteceria em outros continentes, inclusive de maneira muito feroz e violenta na América do Sul.

¹ O medievalista Jacques Le Goff expõe em sua obra que as cruzadas não serviram como o maior despertar do desenvolvimento da Cristandade medieval, mas sim para o empobrecimento do Ocidente. Le Goff, 2005, pg. 66.

Quando analisamos de maneira mais profunda as questões que levaram as Cruzadas, percebemos o quão forte foi a influência cristã no contexto em que estavam inseridas. A maneira como o cristianismo e seus líderes enxergam o mundo e os indivíduos que sempre foram vistos como o “outro” serviu muito de justificativa para a propagação da guerra a partir do ano mil medieval. Segundo Le Goff (2013), as ações das guerras causadas pelas cruzadas foram justificadas pela Igreja através das práticas hereges e a falta da fé cristã daqueles que não compactuaram com o sentimento cristão e, conseqüentemente, foram tidos como infiéis. As guerras, na visão da instituição católica, jamais deveriam ser feitas entre aqueles que compartilham da mesma fé. Para o medievalista Jacques Le Goff, as cruzadas tiveram dois movimentos distintos:

“Ela se situa no ponto de convergência de dois fenômenos bem distintos. O primeiro é o movimento de paz que se desenvolve a partir do Ano Mil, durante longo tempo de modo mais ou menos espontâneo, mas rapidamente enquadrado pela Igreja. Os clérigos vão publicar em edito limitações do tempo de guerra. A ideia de exportar a guerra para fora do Ocidente resulta diretamente desse tipo de iniciativa. Segundo fenômeno: o desenvolvimento extraordinário da cavalaria, que se difundiu cada vez mais pelo caráter religioso de sua função e sua ação, como o testemunha a cerimônia de armar um cavaleiro, no qual os ritos cristãos adquirem importância maior. Ao mesmo tempo, a guerra se encontra justificada como nunca tinha sido. Certamente, deve ser conduzida segundo os princípios da Igreja, mas, de agora em diante, se obedecer a esses princípios, deixa de ser um mal, passa a ser um bem. É um bem para aqueles que a fazem e garantem sua salvação; da mesma forma, é um bem para aqueles contra os quais é feita, porque eles recebem um justo castigo.” (LE GOFF, 2013, p. 94)

Ao analisar os movimentos e as indagações a respeito da primeira Cruzada ocorrida a partir do Ano Mil, percebemos como o poder de persuasão da Igreja Católica era extremamente importante e se fortaleceu cada vez mais em nome da cristandade, e com a pretensão de que o fim justificaria os meios, principalmente no que diz respeito à guerra promovida como santa. Em nome da salvação distorceram princípios, violentaram liberdades e massacraram sem pudor. As Cruzadas acabaram assumindo um caráter mais do que santo, uma vez que a fé dos devotos cristãos os tornou meros instrumentos a serviço da Igreja como soldados de Deus.² Com toda certeza, as cruzadas renderiam inúmeras reflexões e debates, mas, diante do aqui proposto, o intuito fundamental é aferi-las como fator imprescindível para o reconhecimento da expansão do cristianismo a partir do ano mil. A partir desse advento, como descreveu Le Goff (2013), é possível entender a não compreensão dos povos da época e de épocas posteriores. Embora não tenham sido episódios felizes e completamente eficazes, serviram para formar uma unidade em torno da cristandade ocidental.

² Pensamento presente na obra *Uma Longa Idade Média* de Jacques Le Goff (2013).

Para analisarmos o cristianismo e da cristandade, dois conceitos que se distinguem entre si, mas que estiveram presente no contexto da cultura e da sociedade medieval consideramos o exposto por Le Goff (2013), “O cristianismo constitui a expressão própria da religião cristã; a cristandade designa o conjunto dos povos e instituições que, geograficamente e historicamente, têm professado, ampliado e defendido essa religião dentro de um espírito unitário”. Nesse caso, aqui utilizaremos tanto os conceitos de cristianismo como o termo cristandade para abordar questões acerca de seu imaginário e sua propagação dentro da Europa medieval, e mais adiante para outros continentes, porquanto ambas realidades impactaram e influenciaram fortemente o pensamento e ações do homem europeu.

A ascensão da Europa – que como espaço tentou se construir também a partir desse fenômeno de guerra – levou consigo a cristandade. Uma não existiria sem a outra. Para além do fim da Idade Média, em termos de tempo cronológico, o continente europeu e a cristandade uniram-se, como destacou Le Goff:

“A cristandade, felizmente, não se restringiu à Cruzada nem as suas expressões religiosas institucionais e, no fundo, sob as aparências e as realidades, o que, na perspectiva da longa duração histórica, havia começado a se formar na Idade Média era mesmo a Europa. A Europa afluía a partir do século XVI e a palavra ‘cristandade’ só podia se apagar diante da palavra ‘Europa’, e sem se envergonhar, porque a segunda era uma continuação da primeira, renovando-a” (LE GOFF, 2013, p. 160)

Foi a partir do tão promissor ano mil medieval para a cristandade que as aristocracias e seus governantes passariam a ter uma ligação direta com a instituição da Igreja Católica e seus líderes. Segundo o medievalista francês Jérôme Baschet (2006), os governantes aristocratas desse período serão elevados a cargos eclesiásticos de bispos, uma vez que sua aproximação com a Igreja faz deles líderes capazes de governar o exército dos homens para as finalidades espirituais. O medievalista também destaca que nesse mesmo período de consolidação do cristianismo e de sua cristandade:

“Além dos bispos, uma outra instituição, totalmente nova, tem seu início durante os séculos da Alta Idade Média, terminando por moldar de maneira decisiva a face do cristianismo ocidental: o movimento monástico. É no início do século V que ele finca o pé no Ocidente.” (BASCHET, 2006, p. 65)

Conforme a Europa avançava territorialmente ao longo dos séculos, ao final do século XV e início do século XVI, não somente eram modificados os espaços físicos. As estruturas culturais, sociais e religiosas também estariam prestes a sofrer grandes impactos. O imaginário medieval, existente desde os princípios dessa era, mas consolidado a partir do ano mil, se estendia em uma longa jornada. A permanência do pensamento e das práticas cristãs provenientes da construção desse mundo europeu perpassou e dominou séculos a fio. Embora,

adaptados aos contextos de cada momento histórico, suas raízes sempre estiveram presentes de alguma maneira, fossem em esferas distintas ou não.

2.1 A PRODUÇÃO E PROPAGAÇÃO DO IMAGINÁRIO CRISTÃO NA EUROPA

A Europa Medieval tinha como principais agentes da leitura e da escrita os membros que ocupavam cargos eclesiásticos na instituição da Igreja Católica. Nesse contexto, seus pensamentos e reflexões eram completamente direcionados àquilo que acreditavam, qual seja, o pensamento religioso do período em questão. Segundo Carlos Valentini e Marcela Ristorto, “[...] estaban firmemente convencidos de que el mundo real y el sobrenatural no eran compartimentos estancos.” (pg. 15). Assim, a produção e propagação de um imaginário religioso medieval era de fundamental importância no processo de expansão do cristianismo pelo continente europeu, e se utilizando das prerrogativas existentes no cerne da Igreja e no pensamento de seus líderes, esse papel foi desempenhado de maneira muito eficaz, como será demonstrado ao longo desse capítulo.

A partir do século XII, surgem na Europa os Bestiários Medievais, muito conhecidos por propagar perspectivas relacionadas ao mundo religioso europeu de maneira surreal, passando a fazer parte da literatura medieval e propagando o medo dentro da comunidade cristã. Segundo Valentini e Ristorto:

“Estos textos fueron considerados em su época libros de historia natural y sus autores pretendieron darles características científicas, pero al dotarlos de un tono moralizante, acudir a las leyendas y apelar a los animales más inverosímiles y fantásticos concebidos por el hombre medieval, pasaron a formar parte – como señala Virginia Naughton - ‘de aquel dominio de lo maravilloso donde se expresa al imaginario de una época’”. (VALENTINI; RISTORTO, 2005, pg. 16)

A partir das representações feitas pelos clérigos da Igreja e das interpretações e representações existentes no livro sagrado, o medo era disseminado em torno do homem medieval, impactando de maneira muito expressiva sua cosmovisão e os caminhos de sua difusão. O período medieval foi marcado pelo temor, instaurado principalmente pela Igreja Católica e reforçado pelos fiéis que viviam sob a tutela do cristianismo europeu. Os animais e suas representações tinham um importante papel na propagação de tal temor, porquanto muitos eram considerados bestas, significados acrescidos nos bestiários medievais.

Além da literatura, esse imaginário medieval se traduziu também em outras esferas, como, por exemplo, na arte, e se prolongou séculos a fio como mais um índice de que, embora

cronologicamente a Idade Média tenha se findado no século XV, suas representações e ações se estenderam muito além no tempo, consagrando a noção de uma longa Idade Média, como foi acentuado pelo medievalista Le Goff. As representações divinas em forma de arte, quando não eram utilizadas para provocar o medo e a vergonha, serviam para propagar a ideia de uma fonte de vida eterna, como descreveu Le Goff (2013). A instituição da Igreja também se encontrava representada de alguma forma sempre que a arte do período medieval simbolizava o caminho para a vida eterna. Foi a partir do século XIII que se constituiu representações decisivas para muitas das concepções a respeito do sofrimento sagrado no período medieval. Segundo Le Goff (2013, p. 279), existe uma “[...] devoção ao cristo sofredor e aos instrumentos da Paixão, desenvolvimento de uma piedade dolorista exacerbada pelas crises da sensibilidade coletiva ligadas à Peste Negra, ao Grande Cisma e às ‘calamidades’ dos séculos XIV e XV...”

A ideia do sobrenatural cristão colocava qualquer outro tipo de religião como a personificação do demoníaco. Dentro do continente europeu esse pensamento se refletia nas ações violentas impostas pela Igreja àqueles que fugissem do controle pela norma cristã. Mas não somente na Europa vigoraram tais pensamentos e ações. Durante a colonização da América, a cristianização do imaginário, termo utilizado pelo historiador Serge Gruzinski, agiu de maneira muito precisa, demonizando a cultura e religião dos nativos indígenas.

Através das leis cristãs e das leis do Estado, a Europa Medieval consolidou uma sociedade tripartite, no seio da qual o imaginário social girava em torno dos modos pelos quais Deus designou a função de cada indivíduo e de cada estamento no interior da mesma ordem de coisas. Segundo Jacques Le Goff (2005), a caracterização dessa sociedade se torna algo clássico, entre “os que oram (oradores), os que combatem (bellatores) e os que trabalham (laboratores)”. Em torno desse mundo cristão, a Europa, através do seu imaginário e de sua real propagação juntamente com a cristandade e suas práticas cristãs se consolidou dentro do continente europeu, segundo o medievalista Georges Duby:

“A Europa cristã apoderando-se de tudo o que podia – ouro, escravos, maior requinte nas palavras e nos gestos, maior sutileza nas diligências do espírito. Pois vigorosas comunidades cristãs prosperavam sob a tolerante dominação dos califas; os mosteiros de Castela, Aragão, Catalunha mantinham relações, através de Saragoça e Toledo, com os antiquíssimos centros, ainda atuantes, que eram os berços orientais do cristianismo.” (DUBY, 1988, pg. 24)

A busca por Deus se tornou central dentro do contexto da Europa Medieval, e, nesse cenário, a Igreja teve uma grande importância e representação, seguindo sua hierarquia opressora, pois o papel da instituição por vezes se torna mais opressor do que benéfico à

população do período medieval. O ofício monástico neste momento desempenha também um papel fundamental na propagação do imaginário cristão. Segundo Duby (1988, p. 26), uma das principais funções dos monges medievais era a “construção destinada ao seu desenrolar: expor as correlações entre a terra e o céu, entre o tempo e a eternidade.” O papel desses monges era exercido com tal eficiência que a comunidade cristã dessa época acreditava vigorosamente na figura do bem e do mal, um contra o outro. A responsabilidade desses representantes eclesiásticos era decisiva a ponto de santificar e demonizar na mesma proporção não só individualmente, mas também coletivamente atores que compunham toda a esfera da sociedade existente no período do medievo.

Dentro do contexto da expansão do cristianismo e da cristandade dentro da Europa Medieval, todas as ações possuem como propósito a busca por um Deus único. Um exemplo disso é a construção das catedrais. Tudo possui um ornamento de representações divinas, segundo Duby (1988), essas representações buscam mostrar a ligação entre o visível e o invisível. O monumento da Igreja e seu espaço desejam transmitir ensinamentos que vão além do mundo físico. Em todos os círculos da sociedade esse ensinamento tem o mesmo objetivo, a sublimação e transfiguração para o plano divino. O imaginário cristão dos homens de ofício religioso se utilizava das ferramentas disponíveis para ir sempre além do que era compreendido pela razão humana, e, conforme o cristianismo foi ganhando cada vez mais força e espaço, o impacto dessas ferramentas e das ações da Igreja aumentava tanto sobre os fiéis como nos infiéis.

Além da sociedade medieval organizada como entendemos hoje, o cristianismo criou uma sociedade própria aos seus moldes, estabelecendo o papel de cada indivíduo de acordo com a vontade e necessidade divinas. Segundo Georges Duby:

“Para os homens que não haviam se recolhido a um mosteiro, rompendo com tudo, havia um meio de levar suas faltas, de ganhar a amizade de Deus: a peregrinação. Deixar a casa, os parentes, aventura-se fora da rede de solidariedades protetoras, caminhar durante meses, anos. A peregrinação era penitência, provação, instrumento de purificação, preparação para o dia de justiça. A peregrinação era também símbolo, marcha para Canaã, as amarras já afrouxadas, prelúdio da morte terrestre, de entrada em outra vida. A peregrinação era igualmente prazer. Ver outros países: a distração deste mundo cinzento. Em bandos, entre camaradas. E, quando partiam para Santiago de Compostela ou Jerusalém, os cavaleiros peregrinos levavam armas, esperando poder guerrear contra o infiel: foi durante essas viagens que se formou a ideia de guerra santa, da cruzada.” (DUBY, 1988, pg. 29)

A ideia do juízo final criada pela Igreja Católica era o que fazia com que o discurso monástico do cristianismo tivesse tanto poder, o discurso cristão se baseava no medo daqueles

que por meio das interpretações e das representações eram acometidos e regidos sob a tutela da instituição de maior poder no mundo medieval.

Durante o crescimento desse imaginário cristão na Europa, a arte monástica foi uma grande aliada. Foi também através delas que os indivíduos reconheceram o que era propagado no discurso cristão. Segundo Duby (1988), entre os séculos X e XII se pode enxergar “a mais elevada e talvez a única arte sagrada da Europa.” Assim, a arte medieval que tinha como principal mediadora a instituição da Igreja Católica, deve ser considerada uma importante ferramenta de inserção ao mundo cristão e também de controle social, ajudando a moldar um imaginário para a manutenção de estruturas estabelecidas nesse período.

Com o avanço das cruzadas a partir do século XII, momento em que a expansão da cristandade se deu de maneira intensa na Europa, e o sentimento religioso imposto e propagado esteve cada vez mais presente dentro da sociedade medieval, a relação com o Deus único e a salvação de todo aquele que a ele reconhece só podia acontecer de acordo com as determinações impostas pela Igreja. A maneira como essas relações ocorriam e ganhavam cada vez mais força tinha relação com o fenômeno da feudalização dentro da Europa. Segundo Duby (1988), a feudalização favorecia a relação dos homens e conseqüentemente provocava o crescimento europeu em diversas esferas, incluindo a religiosa.

A religião não pode ser dissociada da cultura de sua época e, assim, aconteceu com o cristianismo na Idade Média. Segundo Johan Huizinga:

“[...] nenhuma religião jamais foi totalmente independente da cultura dos povos e épocas à que pertencia. É justamente quando ela reina soberana com a ajuda de documentos sagrados interpretados literalmente e tudo aparentemente se orienta por ela, quando ela ‘se encontra entrelaçada à vida como uma coisa só’, então essa vida infalivelmente também haverá de influencia-la, também com ela há de se emaranhar”. (HUIZINGA, 2011, pg. 247)

A influência do cristianismo que prevaleceu durante todo o período medieval, estava diretamente ligada ao imaginário do povo europeu que, em sua maioria fazia parte do mundo cristão. A cristandade medieval florescia conforme as configurações desse mundo eram apresentadas e impostas de maneira muito eficiente. Nesse sentido, “A vida da cristandade medieval é, em todos os aspectos, permeada de imagens religiosas.” (HUIZINGA, pg. 248). Cresciam dentro da Europa medieval, através do cristianismo, inúmeras formas materiais e imateriais de validação de cristo e da fé cristã. A misericórdia divina, os sacramentos e as relíquias asseguravam a representação do sagrado na terra e propagavam dentro do imaginário dos fiéis a certeza de um caminho a ser seguido, o caminho do cristianismo.

Trata-se de um imaginário também propagado por superstições, ainda que isso possa parecer contraditório nos termos do cristianismo, porquanto os aspectos supersticiosos estavam relacionados às religiões pagãs, sempre demonizadas pelo discurso da ortodoxia institucional. O papel desempenhado pela Igreja, segundo Huizinga (2011), estava diretamente ligado ao oferecimento de materiais que fomentassem a imaginação dos fiéis e também dos infieis, a fim de não se contestar o sagrado e o divino elaborados e apresentados pelo cristianismo.

O imaginário que se desenvolveu em torno da hierarquia social, da estrutura religiosa e das representações encontradas nos manuscritos, na arte e em mais tantas esferas do mundo medieval, tinha um papel assíduo de moralizar a sociedade europeia da época e todos aqueles a quem se almejava converter ao cristianismo, uma moralização que ocorrera de maneira quase sempre violenta. A maneira como o cristianismo foi representado no mundo medieval a partir do ano mil, para além do divino e da fé, se tornou a representação da repressão e do medo. A Igreja Católica fez do cristianismo e da cristandade do mundo medieval instrumentos das diversas demandas de dominação a ela associadas. A produção e propagação do mundo cristão se tornaram tão estrondosas e eficientes, de tal modo que, ao expandir-se para além do continente europeu, sedimentou uma cristianização violenta em massa pelas espadas dos fiéis soldados de Deus.

2.2 O TERRITÓRIO ESPANHOL E O CRISTIANISMO NO MUNDO MEDIEVAL

Apesar de algumas forças contrárias, como descreveu José Antônio Maravall (1981), em alguns momentos do medievo existiu um sentimento de comunidade, sentimento esse que estava presente e ativo no território espanhol. A Espanha medieval viveu diferentes fases e coexistiu com diversos elementos que não abrangiam somente a cultura europeia e a comunidade cristã, embora tenha sido considerado um dos países mais devotados ao catolicismo não somente na Idade Média, mas também em grande parte de sua trajetória enquanto Estado Nacional. Mesmo no processo de modernidade, como foi descrito por Beatriz Helena Domingues (1997), “[...] nesse período de explícita valorização do novo, os traços de continuidade com o período medieval são fortíssimos.” (pg. 197). Esses traços foram carregados por séculos a fio, quando diferentes culturas e ideologias foram cruciais

para a formação e crescimento do território, no qual em última instância, o cristianismo se consolidou.

A partir do século VIII, a turbulenta geopolítica do mundo europeu impactou sobre o território espanhol. A invasão mulçumana ocorrida na Europa nesse período gerou conflitos intensos e criou uma rivalidade entre dois mundos distintos, o mundo mulçumano e o mundo cristão. Como descreveu Le Goff (2005), eram momentos da história onde os massacres e as conversões se misturavam, uma vez que a cristianização foi um dos objetivos definidores do mundo medieval. O Império Carolíngio tornou-se o principal agente do mundo cristão, quando os acordos entre a Igreja e o Estado foram essenciais para a manutenção da conquista de territórios, poder e também para a cristianização dos indivíduos considerados bárbaros.

Inúmeras frentes invasoras se seguiram durante quase todo o período do medievo sobre diversas áreas do território europeu, e, especialmente, pela Península Ibérica. A partir do século IX, as invasões assumiram o caráter de instalação nos atrativos territórios europeus. A reação do Império Carolíngio foi eficiente quando as vagas invasoras se davam por terra. O maior problema ocorria, segundo Le Goff (2005), diante dos assaltos desbravados pelos mares. Embora muitas das tentativas de invasão dos bárbaros tenham sido bem sucedidas, com o domínio de território em determinados momentos do período medieval, a partir do século X a maioria desses povos foram derrotados pelos impérios cristãos que mantinham uma forte ligação com a Igreja e os papados. Em última instância, muitos remanescentes dos antigos invasores foram convertidos ao cristianismo. Aqueles que não se adequaram ao mundo cristão conseqüentemente foram devastados e expurgados do continente europeu, como ocorreu no território espanhol.

Os operadores discursivos que construíram o significado da unidade espanhola declaravam que todo o período em que os mulçumanos estiveram presentes no território poderia ser considerado de usurpação. Segundo Carlos Roberto Nogueira:

“A ideia que a Espanha formava uma real unidade, unidade conquistada pelos godos e sancionada pela ordo eclesiástica, com o prestígio especial dos vários concílios de Toledo, portanto, uma legítima unidade que foi usurpada pelo mulçumano invasor, vai ser lentamente elaborada e testada até constituir, no final do século XIII, uma realidade incontestável, que garantia aos cristãos, em especial aos castelhanos, o direito sagrado e historicamente legítimo de possuir e usufruir da Península e no limite dela expulsar estrangeiros e infiéis.” (NOGUEIRA, 2001, pg. 280).

Uma das instituições mais prejudicadas pela invasão muçulmana na península Ibérica foi a Igreja³. Devido aos acontecimentos territoriais, políticos, religiosos e culturais ocorridos após essa invasão, o fortalecimento das relações entre o Estado e a Igreja tornou-se ainda mais atraente para ambas as partes, principalmente no que diz respeito à instituição religiosa. O período de Reconquista fortemente promovido pelo cristianismo legitimou muitas das prerrogativas do universo cristão medieval dentro do continente europeu, o movimento sagrado construído em torno desse processo de reconquista fortaleceu cada vez mais o território espanhol em relação à fé cristã e também ao crescimento de sua cristandade. Fortalecimento esse, que explanou diversas consequências sociais, culturais e principalmente religiosas para além do mundo medieval como conhecemos e entendemos.

A luta pela reconquista cristã da Península Ibérica prefigurou o espírito cruzadístico das expedições da cristandade que visavam à retomada da Terra Santa e foi por ele igualmente fortalecida. A tradição católica representada nas figuras de poder como, por exemplo, os reis, que criaram uma forte ligação do território espanhol e com a Igreja, fez da Espanha um dos maiores baluartes do catolicismo dentro da Europa Ocidental. Em seu ensaio sobre o medieval e o moderno no mundo Ibérico, Beatriz Domingues baseada nas considerações de Sánchez Albornoz, afirma:

“A coincidência entre a crise da cristandade ocidental e o fim triunfal da guerra de reconquista na Ibéria foi uma fatalidade histórica que fortaleceu neles – mais do que nos demais europeus – a fé na possibilidade de uma cristandade unida. É a partir daí que se pode entender a projeção do hispano medieval na América.” (ALBORNOZ, 1962 apud DOMINGUES, 1997, pg. 201).

A cristandade formada e reformulada na Espanha durante o medievo e a partir da Reconquista esteve ligada a grandes acontecimentos que beneficiaram o Estado espanhol por séculos. A fé cristã propagada e fortalecida durante esse momento decisivo para a história da Espanha traçou movimentos baseados na religiosidade do mundo medieval. Mesmo em certo movimento da modernidade, ocorrido a partir do século XV, houve uma transposição das ideias fundamentais desse mundo medieval aonde quer que a ação espanhola se dirigisse, como explicou Domingues (1997).

A herança medieval dentro da Espanha se manifestou de maneira tão fortemente, à diferença do que se deu em outras regiões da Europa, que Estado e a Igreja passaram a ser vistos como uma realidade indissociada, e sem distinções pensamentos e ideologias. Segundo

³ Segundo Nogueira (2001), isso ocorreu, pois após a invasão houve uma crescente perda de territórios por parte dos fiéis, além da perda de autoridade do Estado, que nesse momento estava ligada de maneira muito forte a Igreja, desde sua elevação ao estatuto de Igreja Oficial do Império Romano.

Domingues (1997, p. 202), “Essa união entre Estado e religião está na base da ‘missão’ histórica do império espanhol [...]”. As particularidades do mundo espanhol dentro do mundo medieval fizeram com que a Espanha se sobressaísse no que diz respeito à sua relação com a Igreja, com o cristianismo e com a cristandade formada a partir dos elementos que a compuseram. Diante da relação de fortalecimento e trocas entre Estado e Igreja criou-se um mundo à parte em relação a alguns aspectos na passagem do medieval para a modernidade. Dito de outro modo, mesmo em sintonia com determinadas configurações do mundo moderno, a união íntima entre a esfera política e o pensamento religioso medieval se sobrepôs em importantes esferas e relações de sua formação social, moldando diferentes processos dentro e fora do continente europeu.

2.2.1 A figura da monarquia espanhola no século XV

Ainda sob o regimento da Idade Média, pelo menos no que dizia respeito à mentalidade, aos costumes e também à religiosidade, a Espanha consolidou sua monarquia mediante a união de três dos quatro reinos da região, com o casamento de Fernando II de Aragão e Isabel de Castela. A formação de um Estado nacional no território espanhol não pode ser caracterizada como uma formação que seguiu padrões e circunstâncias presentes nesse período. Tendo reis católicos no poder, a Espanha se tornava um território cada vez mais propício a manter a tradição religiosa medieval, transcendendo marcos meramente cronológicos que assinalam o fim do medieval. Além disso, a identificação entre o Estado e a Igreja apresenta muitos propósitos que podem ser percebidos além da esfera religiosa também na esfera econômica. Contudo, um propósito especial chama a atenção. Segundo Júlio Valdeón:

“[...] observações podem fazer-se acerca da atitude dos Reis Católicos em relação a outro estrato privilegiado, o clero. O propósito dos reis é também evitar que o clero se converta num perigo para o Estado, numa força vital. Os reis da mesma maneira que tinham limitado a força da nobreza, tinham de se opor ao feudalismo episcopal.” (VALDEÓN, 2014.)

Os resultados dos acordos firmados entre o Estado e a Igreja após a insistência da monarquia se tornaram favorável a esta. Afinal, na intensidade em que os reis precisaram da instituição católica para manter a tradição cristã e o domínio sobre os fiéis, a instituição católica necessitava do apoio do Estado para se manter no contexto político e econômico castelhano. Mas Ainda, após a segunda metade do século XV, os reis Fernando II de Aragão e

Isabel de Castela conseguiram outra grande vitória em relação ao poder religioso, a autorização do papa para que o Estado espanhol construísse seu próprio tribunal de inquisição contra os infiéis presentes no território, onde a coroa agia de maneira dupla. Segundo Valdeón:

“[...] em novembro de 1480, chegavam os primeiros inquisidores a Sevilha. Outros tribunais instalaram-se depois em distintas cidades das duas coroas, Castela e Aragão, já que a inquisição tinha jurisdição em todo território da dupla monarquia. Assim começou a funcionar aquela terrível máquina burocrática contra a heresia que primeiramente dirigiu a sua agressão contra os judaizantes e que, com o tempo, teve também a seu cargo a repressão de todas as formas de heterodoxia – iluminismo, erasmismo, luteranismo, bruxaria – e de delitos mais ou menos relacionados com a fé ou com a moral – desvios sexuais, bigamia, etc.” (VALDEÓN, 2014)

Inicialmente, a Inquisição imposta pelo Estado, substituindo a Inquisição Medieval, atuava de maneira muito severa em relação aos conversos⁴ do período, tendo como grande objetivo banir os falsos conversos do território ibérico. Porém, com o passar do tempo os processos inquisitórios e a própria Inquisição foram ganhando cada vez mais força e relevância, agindo contra qualquer força ou hábito contrário ao cristianismo e até mesmo ultrapassando os limites do território espanhol. A exemplo disso, podemos mencionar a instalação de tribunais da Inquisição dentro da América Espanhola durante o período de colonização da região.

Mesmo existindo em grande parte do período medieval a convivência entre diferentes culturas dentro do território espanhol, como mouros, judeus e cristãos, incomodava a Espanha. Com o passar do tempo, a Espanha se tornou um dos territórios menos flexíveis em relação à pluralidade religiosa e cultural. Desse modo, podemos considerar que o surgimento da Inquisição espanhola já no processo da construção de um Estado Moderno buscava sufocar a multiplicidade dessas diferentes culturas e pensamentos presentes na Península Ibérica. A inquisição foi uma das grandes propagadoras da violência dentro da Espanha. Segundo Lorena Martins, em ensaio sobre a Inquisição no reinado dos reis católicos, “O caso Inquisitorial espanhol é considerado o mais austero e violento das Inquisições modernas e, delongou-se de 1478, seu período de estabelecimento a 1834 o término da sua atividade inquisitorial, enfraquecida pela invasão francesa.”⁵ Um dos maiores intuitos da Inquisição espanhola promovida pelos reis católicos era manter o seu território sob a tutela da cristandade, mesmo que para isso fosse necessário ultrapassar os limites da mais perversa forma de brutalidade.

⁴ Denominados como os novos heréticos, eram também denominados de marranos e mouriscos (SANCHÉZ, 1994, apud, MARTINS)

⁵ O arquivo do ensaio utilizado não apresenta numeração nas páginas e ano de publicação.

A Inquisição dentro da Espanha cumpriu um papel que foi além do religioso. De uma maneira ou outra, os processos inquisitoriais estavam também ligados às questões políticas e sociais. A aliança entre o Estado e a Igreja foi de extrema importância desde a sua instituição até o seu desempenho muito bem sucedido. Profundas mudanças ocorreram no território espanhol e nas relações dos povos que ali viviam, impondo uma intensa dominação sobre os infiéis, o que conseqüentemente fortalecia a figura e o papel da monarquia espanhola.

A partir de meados do século XV, momento em que cronologicamente se iniciou a Idade Moderna na Europa e se deu a consolidação das monarquias absolutistas, algumas configurações sociais e políticas expressam tal teor de complexidade, devido à manutenção de muitos dos pensamentos e costumes do medieval, como ocorreu na Espanha, que nem sempre é possível observar em muitos de seus aspectos distinções claras entre o medieval e o moderno. Segundo Beatriz Domingues (1997), podemos caracterizar o que houve na Espanha como uma modernidade medieval, pois, como já citado anteriormente, a inexistência de autonomia das estruturas políticas para com aspectos fundamentais da mentalidade medieval impossibilitou que, pelo menos na perspectiva religiosa, não ocorresse nada de fato moderno, como se deu em outras regiões da Europa.

Embora houvesse muitos obstáculos em relação às questões religiosas e também científicas dentro da Espanha, devido a sua profunda identificação com o recente passado medieval, podemos considerar que em outras áreas as inovações eram consideravelmente aceitas. Segundo Domingues:

“A prevenção contra o novo foi, entretanto, seletiva e bastante complexa. Ao mesmo tempo em que inovações no campo da literatura e da arte eram bem-vindas, obstáculos crescentes eram erguidos à penetração de novos pensamentos científicos ou religiosos.” (DOMINGUES, 1997, pg. 205)

Ainda que tais resistências houvesse por parte do Estado espanhol nos aspectos já citados, ao final do século XV a Espanha protagonizou, logo após Portugal, um dos maiores triunfos do ocidente europeu e de sua história. As grandes navegações, financiadas pelo Estado espanhol, fizeram da Espanha umas das maiores potências do século XVI, após a invasão e colonização da América. Mesmo com a carga de uma mentalidade refugiada em sua cristandade, o Estado espanhol e a Igreja Católica conseguiram dominar o Novo Mundo, assim por eles denominados. O que haveria de tão especial ou de tão sombrio no processo de conquista liderado pelo navegador e explorador Cristóvão Colombo? Embora não fosse por nascimento um espanhol, o almirante, ainda que possa ser considerado em certos aspectos um renascentista da modernidade, refletia em sua mentalidade a religiosidade cristã, o que ia de

encontro com os interesses do Estado espanhol e da Igreja, impactando de maneira muito expressiva o processo de conquista e colonização da América Espanhola.

2.3 CRISTÓVÃO COLOMBO: O PROJETO DE UMA VIDA E TRÊS CARAVELAS

“Ele, Cristóvão Colombo, sonhara toda a vida com a descoberta de um novo mundo em nosso mundo”. (1984, pg. 12). O almirante genovês se colocava a serviço da coroa espanhola para explorar novos caminhos, prometendo novas terras e muitas riquezas. Considerado um homem estranho de onde quase ninguém tinha certeza de onde nascerá, Colombo se tornou símbolo da ambição espanhola, impressionando os reis católicos, em especial a rainha Isabel, em um momento de forte repressão da monarquia espanhola em relação àqueles que iam contra suas ideias e os preceitos da Igreja. Seria mesmo Colombo um homem a frente de seu tempo, de mentalidade renascentista, ou apenas um homem medieval em sua essência, com ambições que pareciam ir de encontro com o mundo moderno?

Não era só a busca por riquezas que despertava em Colombo a vontade de seguir e realizar as expedições, ainda que parecesse ser esse o principal objetivo dos reis da Espanha. O Almirante, devotado e temente a Deus, buscava, além do ouro, expandir o cristianismo e a fé cristã para o “novo mundo”, antes mesmo de saber o que encontraria ou se encontraria algo do outro lado. Segundo Tzvetan Todorov:

“A expansão do cristianismo é muito mais importante para Colombo do que o ouro, e ele se explicou sobre isso, principalmente numa carta destinada ao papa. Sua próxima viagem será ‘para a glória da Santíssima Trindade e da santa religião cristã’, e para isso ele ‘esperava a vitória do Eterno Deus, como ela sempre me foi dada no passado’; o que ele faz é ‘grandioso e exatamente para a glória e o crescimento da santa fé cristã’. Portanto, seu objetivo é: ‘Espero em Nosso Senhor poder propagar seu santo nome e seu Evangelho no universo.’” (TODOROV, 2019, p. 12-13)

Fortemente devotado ao sagrado, Cristóvão Colombo refletia uma mentalidade que era muito exacerbada em sua época, segundo a qual submetia tudo uma ação de caráter sobrenatural, desde o temor dos perigos cercantes até a reconfortante ideia de encontrar o paraíso maravilhoso. Mas a sua busca divina não significa excluir completamente os fins lucrativos que as suas expedições poderiam trazer, pois “[...] a necessidade de dinheiro e o desejo de impor o verdadeiro Deus não se excluem. Os dois estão até unidos por uma relação de subordinação: um é meio, e o outro, fim.” (Todorov, 2019, pg. 13). Buscar novas terras significava para Colombo uma missão divina, enquanto para a coroa espanhola implicava uma

ambição monetária, a despeito do forte catolicismo intrínseco ao Estado monárquico. Ao sustentar a existência de um caminho alternativo para se chegar às Índias, o almirante acreditava assegurar os meios materiais que refinanciaram a reconquista da Terra Santa, como salientou Todorov (2019).

A religiosidade de Colombo se apresentava de maneira retrógrada em relação ao momento histórico em que vivia. Sua sensibilidade religiosa, ao mesmo tempo em que refletia a mentalidade cristã característica do medievo, empreendia ações que iam de encontro com a transição para o mundo moderno. A ligação com o divino e o anseio pela conquista formava, na figura do explorador, uma dualidade. “Não é por acaso que o projeto das cruzadas tinha sido abandonado desde a Idade Média. Paradoxalmente, é um traço da mentalidade medieval de Colombo que faz com que ele descubra a América e inaugure a era moderna.” (Todorov, 2019, pg. 16). Nesse sentido, Cristóvão Colombo, devido a sua essência e mentalidade, não pode ser considerado a representação do homem moderno.

Antes de concretizar seu empreendimento, Colombo desfrutava de uma importante experiência de aprendizado durante o período que esteve em Portugal. Algumas décadas antes da Espanha, os portugueses já realizavam navegações consideradas muito importantes para a sua história e enriquecimento. Segundo Marianne Mahn-Lot:

“‘Colombo aprendeu’, escreveu S.E Morison, ‘muitas coisas úteis com seus colegas portugueses: dirigir uma caravela com vento contrário, afastar-se da terra sob vento, escolher as provisões para uma viagem longa e estocá-las, munir-se da quinquilharia que agrada os ‘primitivos’: bonés coloridos e com sininhos, usados em falcoarias, que valeram a Colombo um tal sucesso entre os ‘indianos’”. (MAHN-LOT, 1992, pg. 27-28)

As viagens de Colombo por esses locais onde se estabeleceu por algum tempo ou até mesmo onde só encontrava de passagem o fizeram assimilar e agregar à sua visão, enquanto viajante e também indivíduo de seu tempo, alguns aspectos fundamentais que impactaram sobre o processo de conquista da América. Colombo era um homem que se interessava pelo novidadeiro, ainda que, de acordo com suas crenças, o inusitado lhe remetesse ao inverossímil. Embora tenha estudado muito em diferentes fontes, a fim de conseguir realizar seu projeto, “O próprio Colombo, como todos os homens de sua época, tinha necessidade de apoiar-se em ‘autoridades’: a Antiguidade Clássica, a Bíblia, os Padres da Igreja.” (MAHN-LOT, 1992, pg. 29). Todas as autoridades em que Colombo se baseava pareciam convencê-lo firmemente de suas ideias, e deixaram sua marca sobre todo seu empreendimento de exploração.

Embora despertasse muitos interesses, o projeto defendido por Colombo não foi aceito quando de sua primeira tentativa. Antes de exibir seu projeto à coroa espanhola, o genovês o anunciou à coroa portuguesa com o intuito de receber o apoio financeiro de seus regentes. Segundo Mahn-Lot:

“Colombo não podia tentar sua grande aventura sem o apoio de um soberano, e a posição da família de sua mulher lhe facilitava o acesso à corte de Portugal. Foi sem dúvida no ano de 1484 que o rei João II mandou que os sábios que o cercavam examinassem as propostas de Colombo. [...] O genovês foi dispensado, mas com gentileza, pois uma de suas notas marginais nos diz que em 1485 ele se encontrava junto ao rei no exato momento que este recebia seu médico-cosmógrafo José, que relatava medidas de latitude tomadas na costa da Guiné. (MAHN-LOT, 1992, pg. 32-33)

Algumas questões são discutidas acerca do que poderia ter levado a coroa lusitana a rejeitar o projeto de Colombo, tais como as afirmações equivocadas de Colombo a respeito da real extensão do oceano e o risco de que o empreendimento não traria bons frutos à Portugal. A recusa poderia também estar ligada a questões financeiras que seriam assumidas pela coroa, conforme apresentou o filho mais novo do almirante. (MAHN-LOT, 1992). Fossem questões de desconfiança ou por questões financeiras, o fato é que Portugal estava mais interessado nos empreendimentos que visavam contornar a África. A solução encontrada pelo genovês foi apresentar seu projeto à coroa da Espanha.

A Espanha passava nesse momento por uma série de turbulências, como a guerra civil e também uma guerra contra Portugal por disputa de territórios, conforme tais turbulências foram se resolvendo, principalmente no que diz respeito a questão que envolvia os vizinhos ibéricos, Marianne Mahn-Lot (1992, pg. 35) descreveu, “A partir dessa data, os Reis tinham as mãos livres para realizar seu grande projeto: repelir os mouros da Espanha. No momento em que Colombo chegava a seus Estados, a luta de morte contra o reino de Granada começara.” Foi nesse momento em que a atenção dos reis católicos da Espanha se voltou para as ideias propostas por Colombo. Podemos averiguar, através de um relato de Las Casas (Ibidem), que “Suas altezas tomaram conhecimento de uma solicitação, acolheram-no com benevolência e decidiram submeter a questão a uma comissão de letrados... [...]”. O projeto de Colombo ganhou cada vez mais relevância para com a coroa espanhola, sobretudo ao relatar que não se tratava somente de uma busca por riquezas, mas também de uma missão que lhe fora dada por Deus. Sua declaração, conforme salientou Mahn-Lot (1992, pg. 35), “[...] logo inspirou confiança e simpatia à rainha [...]”.

Mesmo assim, o projeto de Colombo não inspirava segurança à coroa espanhola e a seus conselheiros. Muitos consideravam o projeto inviável, não obstante a insistência do

almirante em realizá-lo. Colombo parecia não desanimar diante do que havia alcançado na Espanha, uma vez que seu projeto não havia sido completamente descartado. Em seus escritos o almirante manifestava suas lamentações e esperanças em relação ao projeto ao qual dedicou grande parte de sua vida. Durante todo o tempo, esperou por uma resposta da monarquia espanhola, e, enquanto não a obtinha, amadureceu o planejamento de seu projeto como jamais havia feito na tentativa de impressionar e persuadir os reis espanhóis. Buscando sempre enaltecer seu empreendimento, Colombo referia-se a si próprio como um portador de certezas validadas por sua fé no divino. Segundo Mahn-Lot:

“[Colombo alegava] que era fábula vã dos Antigos acreditar que apenas duas partes do mundo eram habitáveis: seria absurdo que Deus criasse o mundo e deixasse a sua maior parte inútil, vazia de homens...; que aquilo que os autores chamam oceano não oferece uma vã imensidade, mas está repleto de ilhas e terras habitadas; que o globo, em toda a sua superfície, participa da aura vital”. (BEMBO; MAHN-LOT, 1992, pg. 39)

Como se pode perceber, em nenhum momento Colombo rompeu com as representações religiosas do imaginário cristão. A dualidade dos aspectos geográficos e sobrenaturais existentes no projeto do almirante caracterizou profundamente o empreendimento que comandou. Conforme salientou Mahn-Lot:

“Existe aqui, evidentemente, uma certa confusão entre dois planos, as realidades de ordem geográfica e as de ordem sobrenatural. Mas, para um cristão da Idade Média, nosso globo terrestre, considerado como o centro do universo criado, não era estranho às próprias realidades sobrenaturais: não se situava o Paraíso terrestre em certa região montanhosa do Oriente, e o inferno nas entranhas da terra? E a curiosidade científica, como diríamos hoje, era movida principalmente por um imperativo cristão - trazer para a órbita da Igreja uma metade ainda desconhecida do mundo; era responder à ordem formal do Senhor: levar o evangelho às extremidades da terra. Era preciso concluir o mundo, reuni-lo em uma só Cristandade. Descobrimientos e perspectivas religiosas não se separavam. Colombo acreditou sinceramente que o próprio Deus lhe inspirava o empreendimento da Índias, e que, se a rainha Isabel compreendeu a grandeza de seu projeto, foi graças à luz do Espírito Santo. (MAHN-LOT, 1992, pg. 39)

Colombo alcançou seu objetivo inicial de chegar a novas terras e a um “Novo Mundo” somente em 1492. Após muitas tentativas, Colombo obteve o financiamento necessário para sua expedição, partindo da Espanha com três naus. Acreditou ter chegado às Índias e morreu sem aceitar a ideia de que havia avistado um continente desconhecido pelos europeus. Depois de desembarcar, em 12 de outubro de 1492, na ilha de San Salvador, assim batizada por ele, o almirante e sua esquadra realizaram sucessivos desembarques em terras americanas, marcando o que seria o início da invasão e da violenta conquista e colonização da América sob a figura da cruz e da espada dos espanhóis.

3. A PRESENÇA DO IMAGINÁRIO CRISTÃO MEDIEVAL NO PROCESSO DE CONQUISTA DA AMÉRICA ESPANHOLA

O imaginário desenvolvido e expresso mediante a representação do conquistador europeu, que se projetava ainda no que não via, mas, sim, o que se esperava e até mesmo sonhava no processo de conquista da América foi profundamente influenciado pelo que se pode compreender como outro mundo forjado pela mentalidade de um período de transição, período como referido acima, ainda essencialmente marcado pelo pensamento cristão do medievo. A respeito da visão do conquistador sobre esse outro mundo, Thereza Baumann escreveu:

“Esse espaço, que será o ‘novo mundo’, e esses seres, que serão os índios, não existiam ainda concretamente: representavam um futuro, ‘o sonho da coisa’, que ao ser alcançado será interpretado através dos signos que antecipavam a revelação de sua existência e não como a realidade que se revelava. [...] São ideias que ele utilizou para projetar os signos do objeto futuro, ‘signos dos signos’ e que, referenciados ao seu universo simbólico, refletem a sobrevivência de um estado de religiosidade primária através da qual o conquistador interpreta o mundo.” (BAUMANN, 1992, pg. 58-59)

A visão do conquistador se constitui a partir do que lhe era familiar, ou seja, do que já estava contido no cerne de sua percepção. Por conta disso, o desconhecido estava sempre em divergência com as suas ideias e pensamentos. Neste caso, a cultura, a sociedade e, sem dúvida, a religiosidade presentes na América se chocavam com a perspectiva dos mesmos aspectos presentes no mundo europeu, principalmente no que diz respeito ao caso espanhol, se considerarmos, nesse contexto, o forte legado da tradição cristã medieval. A maneira com que essa visão se projeta sobre o mundo que se pretendia conquistar é, portanto, reveladora da ignorância do conquistador para com as singularidades do novo espaço em que se inseria. As características e qualidades que lhe eram próprias eram facilmente categorizadas como pertencentes à esfera do profano e, assim, perpetuavam a instalação do caos, como bem salientou Baumann (1992).

“A permanência do estado de religiosidade comprometia a percepção do conquistador sobre o ‘outro’, que estaria irremediavelmente associado ao profano e condenado à submissão” Baumann (1992, pg. 59). Dito de outro modo, o homem europeu e religioso, que, nesse processo teria como figura mais emblemática Colombo, ao impor seus pensamentos, visões e convicções, estabeleceu uma relação entre o mundo medieval e o mundo que

imaginou existir, construindo um espaço profundamente marcado por suas referências e simbologias.

Ainda no século XVI, a visão do homem europeu acerca do espaço estava também ancorada ao pensamento medieval. A maneira como esses conquistadores europeus, inclusive, os espanhóis enxergavam o mundo está diretamente ligado a aspectos sagrados baseados nas escrituras, a prova disso é como analisam a divisão do mundo ao qual estão inseridos. “Dentro do círculo estão os três continentes conhecidos, circundados pelo oceano e, de acordo com as Sagradas Escrituras, distribuídos pelos filhos de Noé (Ásia para Sem, Europa para Jafet e a África para Cam, o filho maldito)” (Baumann 1992, pg. 63). O problema de se desviar desse pensamento consolidado, em relação a divisão do mundo e a existência de novas terras, está associado ao controle que a instituição católica e a forte tradição do cristianismo impunham sobre a Europa, pois a ideia de um mundo novo com a existência de outros habitantes que não os já conhecidos contrariava muitas das ideias defendidas pela Igreja.

Embora o homem europeu ainda imbuído da mentalidade medieval nesse período de transição, tenha ultrapassado os limites do oceano e alcançado os objetivos de atingir um ponto até então desconhecido de sua sociedade e de sua cultura, suas concepções permaneceram vinculadas as teorias filosóficas, teológicas e cosmográficas do mundo medieval cristão, como destaca Baumann (1992). Os mapas representados nesse período possuem forte ligação com a religiosidade e influenciaram notoriamente a perspectiva do homem europeu. Além disso, os mapas elucidam a relação dos cristãos com sua fé e o seu temor a Deus. Mas algo parece ser maior do que o temor dentro desse processo de conquista, a ambição. Embora o medo do novo e do desconhecido caracterizasse a mentalidade do conquistador e as mudanças ocorridas nesse processo por vezes atormentassem suas convicções medievais, prevaleceu a ambição que também constituía sua essência e foi alimentada pelas instituições de poder.

As percepções que assolam esse homem europeu possuem permanências que revelam a cultura e a sociedade inerentes ao cotidiano medieval. Uma vez que esse homem estava inserido em um movimento de conquista que conflitou com essas permanências, principalmente no que diz respeito à sua crença religiosa, surgiram diferentes questionamentos acerca do que o outro espaço e o outro indivíduo representavam. Assim, segundo Baumann (1992, pg. 66), “É a partir dessa percepção do sujeito sobre as particularidades do seu mundo e da sensação de estranheza que lhe causa o desconhecido, que se produz a alteridade e se cria espaço para o ‘maravilhoso’”. Seria, nesse caso, a alteridade a

questão mais impactante no processo de conquista da América, ou seja, o que é diferente do que se conhece, e que, na visão de mundo do homem europeu, se torna um problema que precisa ser resolvido.

Dentro do perturbador imaginário cristão medieval que é carregado pelo conquistador, o que se encontra não é evidentemente o que se espera. Ao mesmo tempo em que desperta o temor, desperta também a curiosidade em relação ao diferente. É interessante pensarmos como esse imaginário produziu uma confusão acerca das percepções aqui já salientadas, “O ‘outro’ possui riquezas fabulosas, beleza extraordinária, feiura pavorosa ou dotes sobrenaturais. É anjo, demônio, monstro cinocéfalo, mandrágora ou, simplesmente, índio. Desdobra-se em mil faces, mas é uno e sempre o ‘outro’.” (BAUMANN, 1992, pg. 67). Ao tentar entender o que seria esse outro indivíduo, as interpretações variam, mesclando ensinamentos e aspectos do seu mundo cultural e religioso. A tentativa de compreender esse indivíduo se manifesta de maneira negativa e pejorativa dentro do contexto da conquista, desembocando na visão perversa que a mentalidade cristã produziu e reproduziu por séculos e, que conseqüentemente também fez parte de maneira muito assídua no processo de colonização do espaço e dos nativos que o ocupavam.

Além das percepções que esse imaginário causava em relação aos aspectos já citados, o homem europeu medieval também sentia esse temor em relação ao que poderia encontrar durante as expedições que o levariam mesmo sem saber, até a América. Não coincidentemente, tais receios também estavam diretamente ligados ao papel que a Igreja Católica e o cristianismo desempenharam por séculos dentro da sociedade europeia.

“O homem medieval sempre recuava diante dos espantosos obstáculos do oceano: monstros pavorosos que habitavam as profundezas abissais, pedras-ímã que atraíam os navios para o fundo do mar, sereias, oragos que engoliam navios inteiros, peixes voadores que abriam teias para arrastarem as embarcações...” (BAUMANN, 1992, pg. 70)

O sonho e a ambição desse conquistador reverberam mais alto diante da possibilidade de alcançar riquezas e até mesmo o paraíso. O século XV abria possibilidades que o faziam sonhar com esse mundo diferente, mesmo que desconhecido. Sua mentalidade e essência, embora apavoradas pelo fantasma das percepções cristãs, buscavam um paraíso já quase impossível de se alcançar dentro do espaço europeu. Nesse momento, “Deus parecia querer mostrar a Colombo o seu caminho...” (BAUMANN, 1992, pg. 71). O anseio de chegar até as Índias não ignorou o que era representado no mundo cristão, mas utilizou de toda fé existente nesse mundo com o intuito de desbravar e conquistar um novo mundo. A respeito da

permanência da representação do cristianismo em todo esse processo, Baumann (1992, pg. 71) salientou: “A viagem de Colombo foi cuidadosamente preparada cumprindo uma série de ritos como a missa, as bênçãos, enfim, toda uma série de gestos que caracterizam o caminho mítico da viagem-peregrinação”.

Colombo atribuiu a sua iniciativa de exploração em busca de novas terras à questão da religiosidade vivida por ele e por tantos outros de sua época. Considerava-se um escolhido de Deus para encontrar um novo céu e uma nova terra, que seriam a salvação do centro do mundo por eles conhecido, isto é, seu próprio continente. A forma como a religiosidade esteve presente nesse processo de compreensão e enfrentamento do novo influenciou as perspectivas do conquistador a ponto de suas viagens serem consideradas experiências sagradas que se constituíam a partir de uma dualidade entre o maravilhoso e o caos. Tendo a Europa e a tradição medieval como referência em diferentes aspectos, a possibilidade de alcançar um paraíso idealizado a partir da fé cristã representava a realização do sonho, em que o divino se fazia presente e guiava esse homem medieval até seu propósito final.

As interpretações acerca do que se parece ser a divisão do mundo e a “descoberta” de novas terras para esse homem europeu e conquistador estão representadas em três esferas, natural, divina e humana. Nesse caso, a profunda associação entre o divino e o que se busca e se vê comprometeu o discernimento do conquistador em relação ao “novo mundo”. Segundo Todorov:

“Efetivamente, não podemos pôr no mesmo plano estas três esferas, como devia acontecer com Colombo. Para nós existem apenas dois intercâmbios reais: com a natureza e com os homens. A relação com Deus não implica a comunicação, embora possa influenciar, e até predeterminar, toda forma de comunicação. Este é justamente o caso de Colombo: há, sem dúvida, relação entre a forma de sua fé em Deus e a estratégia de suas interpretações”. (TODOROV, 2019, pg. 20)

A força que estabeleceu a fé de Colombo no processo de conquista, o fez manifestar, como qualquer homem de sua época, seu imaginário de acordo com aquilo que se acreditava então. No que diz respeito à sua fé em Deus, o que mais chama atenção é justamente a da existência do paraíso. “A crença mais surpreendente de Colombo é de origem cristã: refere-se ao Paraíso terrestre. Ele leu no *Imagno mundi* de Pierre d’Ailly que o Paraíso terrestre devia estar localizado numa região temperada além do Equador”. (TODOROV, 2019, pg. 21). Depois de tentar consolidar suas teorias, o conquistador acreditava que esse paraíso tão sonhado e almejado estava localizado no Oriente. A América que se localizava no Sul do mundo seria, na compreensão do almirante, as Índias localizadas ao extremo. Colombo

morreu sem se dar conta de que havia chegado a um novo continente, ainda que acreditasse ter descoberto novas terras.

Após longos dias de viagem e exploração, ao chegar às terras que tanto sonhara, Colombo transparecendo sua essência de conquistador e cristão tratou de empregar as ilhas nomes com os quais se identificava e que comprovassem a sua posse e da Espanha sobre elas. Segundo descreveu Kirkpatrick Sale:

“À primeira deu o nome de San Salvador, sem dúvida tanto em ação de graças por sua bem-vinda presença, após mais de um mês no mar, quanto pelo filho de Deus, de quem era devoto; à segunda chamou de Santa Maria de La Concepcion, em homenagem à Virgem, que dava nome à sua capitânia; a terceira e quarta designou sucessivamente como Fernandina e Isabela, em honra de seus patrocinadores, exaltando primeiro Aragão do que Castela por razões que nunca explicou (possivelmente, por questões de protocolo, ou ainda em reconhecimento às principais fontes de financiamento de sua viagem).” (SALE, 1992, pg. 92)

O papel que Colombo acreditava ter que exercer para que então tomasse posse das terras onde chegara, estava diretamente ligado com seus costumes e sua cultura voltada ao cristianismo, além, de mostrar o empenho de conquistador aos reis católicos da Espanha, que esperavam retorno de todo financiamento que haviam feito nas expedições do almirante. A mentalidade presente na essência de Colombo, que ficou muito visível em todo o processo de conquista, fazia com que ele acreditasse ser herdeiro das tradições apossadas e designadas pela instituição da Igreja Católica através do cristianismo. Assim, o conquistador se colocou em uma posição de escolhido e enviado de Deus para a missão honrosa de descobrir e possuir as novas terras e o “novo mundo”. Segundo Sale:

“[...] o processo de conferir novos nomes acompanhava a ‘assunção de posse’ dessas partes do mundo que considerava convenientes a se tornarem propriedade espanhola, desfraldando o estandarte real, construindo várias cruces pronunciando certos juramentos e fórmulas de vassalagem. Se isto era presunção, ela era titular de honrosa herança: Adão fora encarregado por seu criador da tarefa de dar nomes a ‘todas as criaturas vivas’, incluindo o produto de suas próprias costelas, no curso do processo de estabelecer o ‘domínio’ sobre elas.” (SALE, 1992, pg. 93)

A iniciativa de Colombo, além de uma questão relacionada com as estruturas religiosas, também estava ligada aos costumes políticos existentes na Europa. Com a conquista de um novo território, prolongava-se o território europeu e, para tanto, era necessária uma ritualização que legitimasse a posse e consolidasse seu caráter de extensão comandada pelos conquistadores. Ao “tomar posse” das terras que acreditava ter descoberto, Colombo reproduziu a tradição existente na cultura que o formou, colocando em prática a superioridade europeia em relação a outros povos, ou apenas agiu por impulso, entusiasmo e ingenuidade? Esses questionamentos foram formulados por Kirkpatrick Sale (1992), e nos

levam a refletir sobre o real sentido das ações empregadas por Cristóvão Colombo no processo de conquista. A chegada à América, sem mesmo saber que se tratava de um novo continente, e posteriormente sua conquista, mais do que qualquer outro ato empregado pelo homem europeu nesse período, refletiram o imaginário medieval que formava esse mesmo homem, um imaginário representado, sobretudo, pela religiosidade, que exacerbava a fé cristã.

O que aconteceu ao final do século XV foi resultado da busca incessante de diferentes desejos e quereres vindos por parte do homem europeu, em especial, e também por parte da coroa espanhola. Mas não se trata de uma descoberta, como por muito tempo foi defendido e propagado pela historiografia tradicional.. Segundo Jacques Attali (1991), não se trata de uma descoberta e sim de um encontro resultante da modificação e movimentação da sociedade europeia. O continente ao qual o conquistador europeu havia chegado não apresentava nada de novo em seus aspectos tanto geográficos como históricos. O mundo das novas terras representava o desconhecido e o novo na visão daqueles que estavam até então reclusos a um mundo com convicções continentais já estabelecidas. A partir desse encontro de diferentes sociedades, culturas e religiões, como ocorreu na América, Attali (1991, pg. 105-106) salientou, “[...]. Nunca – nem antes, nem depois – o mundo terá sido tão vasto, aos olhos dos europeus. Nunca antes puderam ir tão longe”.

Ao chegar tão longe ao desconhecido, Cristóvão Colombo em seu papel de conquistador expressou muito além dos seus interesses geográficos e espaciais. Expressou sua cultura, seus costumes e principalmente sua religiosidade. A intensidade com que o imagético cristão penetrava a essência desse homem europeu demonstrava a tradição que o cristianismo havia criado e consolidado antes de seu tempo e também a forte permanência dessa tradição, que seguramente influenciou profundamente suas percepções durante todo o processo de conquista da América. O imaginário cristão medieval, aqui representado principalmente na figura de Colombo, foi capaz de conduzir os diferentes aspectos e movimentos que levaram ao encontro entre o homem europeu e os nativos da América.

3.1 PARAÍSO IMAGINADO: A VISÃO DO CONQUISTADOR ACERCA DAS TERRAS ANTÍPODAS DO SUL DO MUNDO

“Às duas horas da madrugada surgiu terra, da qual estariam a apenas duas léguas de distância. Arraiaram todas as velas e ficaram só com a da popa, que é a grande sem

suplementares, e puseram-se à capa, contemporizando até a sexta-feira, quando chegaram a uma ilhota dos Lucaios, que em língua de índios se chamava ‘Guanahani’. Logo apareceu gente nua, e o Almirante saiu rumo à terra no barco armado [...]. O Almirante empunhou a bandeira real e os comandantes as duas bandeiras da Cruz Verde, que o Almirante levava com emblema em todos os navios, com um F e um Y: por cima de cada letra, a respectiva coroa, a primeira feita de um cabo da cruz e a segunda do outro. Ao desembarcar viram árvores muito verdes, muitas águas e frutas de várias espécies. O Almirante chamou os dois comandantes e demais acompanhantes, e Rodrigo de Escovedo, escrivão de toda a armada, e Rodrigo Sánchez de Segovia, e pediu que lhe dessem por fé e testemunho como ele, diante de todos, tomava, como de fato tomou, posse da dita ilha em nome de El-Rei e da Rainha, seus soberanos, fazendo os protestos que se requeriam, como mais extensamente se descreve nos testemunhos que ali se procederam por escrito.” (1984, pg. 44).

Desde sua primeira viagem, Cristóvão Colombo atentou muito para os aspectos da natureza que encontrou em seu percurso. Tudo o que avistava de diferente lhe servia como base para acreditar que realmente havia chegado ao Paraíso terrestre. Quase todos os aspectos da natureza remetiam ao maravilhoso, assim como era apresentado nas escrituras sagradas e perpetuado pela Igreja. Colombo era muito perspicaz ao analisar a natureza ao seu redor. Afinal, seu sucesso em encontrar cada vez mais terras e com elas a riqueza do ouro, dependia também de sua esperteza em saber enxergar os sinais que a própria natureza demonstrava. Embora a atenção do navegador se voltasse quase que inteiramente para essa questão, seu olhar e suas interpretações já estavam há muito imbuídos da fé cristã, que o levava a definir o que encontra exclusivamente pela imaginação que dele se tinha antes mesmo de encontrá-lo. Conforme apresentou Todorov:

“No mar, todos os sinais indicam a proximidade da terra, já que Colombo assim o deseja. Em terra, todos os sinais revelam a presença de ouro: aqui também sua convicção já estava formada havia muito tempo. ‘Ele diz ainda que achava que havia imensas riquezas, pedras preciosas e especiarias’ (14.11.1492). ‘O almirante presumia que ali havia bons rios e muito ouro’ (11.1.1493).” (TODOROV, 2019, pg. 28)

Durante todo o processo o navegador insistiu nas suas convicções formadas antes mesmo de conhecer a realidade. As convicções de Colombo refletem o peso determinista do imaginário de seu tempo. Daí sua obsessão constante por confirmá-las quando apreciava os aspectos da realidade americana. Ao se deparar com as terras desse “Novo Mundo”, o almirante instaurou um processo de assimilação já cristalizado em sua mentalidade. Para ele, conforme descreveu Todorov (2019), a simples beleza natural da América era prova da existência de riquezas.

Tudo o que Colombo apresentava em seus relatos aos reis da Espanha tinha o intuito de demonstrar a existência de ouro nas terras novas. Buscava a constante aprovação da coroa

espanhola e acreditava tanto na existência das riquezas que, em sua visão, tudo anunciava a presença do ouro. Em uma passagem da apresentação dos Diários da Descoberta da América, fica clara a associação entre a natureza e as riquezas do Novo Mundo, como já mencionado anteriormente:

“Colombo circulava pelas ilhas e em cada uma via a mais bela do mundo. Partia da ilha de Fernandina e entrava no Cabo Belo. ‘E quando cheguei aqui, veio da terra um perfume tão bom e tão suave das flores ou das árvores que era a coisa mais doce do mundo.’ Em sua embarcação, levava alguns índios, porque havia um nome bem certo para que o seu sonho fosse o sonho dos reis: ouro. A viagem pelas ilhas passa ser a caça ao tesouro.” (COLOMBO, 1984, pg. 19)

Além da busca incessante pelo ouro, para justificar para as autoridades sua empreitada, as justificativas do próprio almirante se ancoram também na cristianização dos povos que encontrara. Esse Paraíso terrestre, para o almirante, é o Paraíso dos seus sonhos, aquele que acredita ter sido a ele e ao seu povo designado por Deus e, neste Paraíso ele pretende tocar e fazer transformações (1984, pg. 19). O projeto que Colombo tanto sonhou e que então finalmente realizara abrangia um amplo leque de pesquisas anteriormente feitas por ele, e que o condicionaram a procurar realidades que jamais seriam encontradas na América, como, por exemplo, o reino de Grande Cã. Essa confusão geográfica o levou a acreditar que havia descoberto terras do extremo Oriente.

Já ancorado em terras americanas, Colombo continuava a impor suas interpretações através da produção escrita em seus diários de viagem. Embora algumas características dessas terras e de seus habitantes lhe causassem estranheza, deixavam-no também maravilhado. A cada descoberta de elementos da nova geografia e de seus habitantes Colombo tinha mais certeza de que encontraria as riquezas prometidas aos seus soberanos, justificando, assim, o seu projeto. Em seus relatos são constantes as menções acerca da natureza e das riquezas que ela carrega consigo, pois ele está certo de que essas riquezas existem, (13.10.1492):

“Esta ilha é imensa e muito plana, de árvores verdíssimas e muitas águas, com uma vasta lagoa no meio, sem nenhuma montanha e tão verde que dá prazer só de olhala; [...]. Isso eu preservaria, sem deixar que ninguém se aproveitasse, a não ser que mandasse recolher tudo para V. M., se houvesse em grande quantidade. Aqui nasce nesta ilha, mas pelo pouco tempo de que disponho não pude dar assim fé de tudo, e aqui também nasce o ouro que trazem pendurado no nariz; [...]” (COLOMBO, 1984, pg. 46-47)

Conforme o almirante conhecia as ilhas que encontrara em seu trajeto, suas percepções deixam cada vez mais claro sua mentalidade, sua ambição e também sua devoção. A apresentação que esse homem europeu com uma essência medieval faz de suas percepções demonstram o quanto esse espírito europeu e suas raízes estiveram presentes e nortearam sua

caminhada pela América. Maravilhado e decidido a encontrar tais riquezas, Colombo afirma (15.10.1492):

“[...] São ilhas verdejantes, férteis e de clima mui brando, e podem conter uma porção de coisas que ignoro, pois não quero perder tempo com escalas destinadas a percorrer tantas ilhas a fim de achar ouro. E, no entanto, estas dão assim indícios pelo que trazem nos braços e nas pernas, e é ouro, porque lhes mostrei alguns pedaços do que tenho. Não posso errar e com a ajuda de Nosso Senhor hei de encontra-lo onde nascer.” (COLOMBO, 1984, pg. 49)

São inúmeros os momentos durante todo o trajeto na primeira viagem em que Cristóvão Colombo se dedicou a observar e relatar aos seus soberanos a respeito da exuberância da natureza nas terras que deseja conquistar em nome da coroa espanhola. Seus relatos nos fazem perceber o que há muito aqui vem sendo exposto, isto é, sua relação e visão acerca desse espaço e como esses aspectos mantém profunda relação com as suas raízes europeias e cristãs. O desconhecido, que, em sua mentalidade, representava o Paraíso terrestre prometido por Deus, o fez supor, imaginar e crer que tudo que ele encontrara em seu caminho, sejam as ilhas, seus habitantes ou suas riquezas, foi designado para posse sua e de seus soberanos, pois o seu Deus assim desejava. As ilhas percorridas pelo almirante representam dentro do seu imaginário os meios que irão proporcionar os meios que consumariam os diferentes desejos europeus, fossem eles o do enriquecimento do território espanhol ou o da reconquista da Terra Santa.

Cristóvão Colombo notava diferenças visíveis nas ilhas em que se localizava e, tomava como inspiração os relatos de descrições feitas por Marco Polo, em relatos que tanto havia se inspirado e tomado como um de seus guias. Segundo Mahn-Lot (1992), Colombo se dava conta de que não estava em ilhas que continham palácios cobertos com telhados de ouro, mas, sim, em ilhas cobertas por uma natureza exuberante. Mesmo com algumas contradições em relação ao que se sabia acerca dessas terras novas, Colombo, ainda assim, acreditava estar cada vez mais próximo do continente asiático, o que se demonstra quando, pela primeira vez em seus relatos, utilizou o termo Índias para se referir à sua localização e à sua natureza. (17.10.1492):

“Hoje choveu muito forte desde a meia-noite até quase amanhecer e o dia ainda continua nublado como se fosse chover. É assim, desde que estou nestas índias, não há dia que não chova, pouco ou muito. Creiam-me. Vossas Majestades, que esta terra é a melhor e mais fértil, temperada, plana e boa que tem no mundo”. (COLOMBO, 1984, pg. 51)

Colombo seguia seu trajeto em busca do que se propôs a encontrar quando saiu da Espanha em expedição. Ainda que encontrasse coisas que não esperava, e que, por isso, o surpreendia, mantinha firme a esperança de encontrar tudo o que conheceu através de suas

leituras, assim como toda a riqueza que acreditava existir e que prometera aos seus soberanos espanhóis. Em sua primeira viagem, e, conseqüentemente, em seus primeiros relatos já em terras americanas, o almirante se mantinha atento tanto ao novo como ao que já presumia de antemão. A todo o momento percepções e anseios dessa natureza são explicitados em seus relatos (21.10.1492):

“Às dez horas cheguei aqui, neste cabo do ilhéu, e ancorei, e o mesmo fizeram as caravelas. E, depois de ter comido, fui até a terra, onde não havia por povoado mais que uma casa, na qual não achei ninguém. Creio que fugiram de medo, porque todos os objetos estavam em seus devidos lugares. Não deixei que se tocasse em nada, só sai com os dois comandantes e a tripulação para ver a ilha; que se as outras já vistas são muito bonitas, verdejantes e férteis, esta é ainda mais, com arvoredos grandes e bem verdes. Aqui tem grandes lagunas e, dentro delas e em volta, o arvoredo é uma maravilha, e aqui em toda a ilha está tudo verde e as folhagens lembram o mês de abril em Andaluzia; e o canto dos passarinhos dá vontade de nunca mais ir embora, e os bandos de papagaios chegam a escurecer o sol; e há tantas espécies de aves e passarinhos, e tão diferentes dos nossos, que deslumbra a vista. [...] Se o tempo permitir, logo partirei a circundar esta ilha até conseguir falar com o cacique e ver se posso obter dele o ouro que ouço dizer que usam, e depois partir para outra ilha vastíssima, que acho que deve ser Cipango, segundo os sinais que fazem esses índios que viajam comigo, à qual chamam de ‘Colba’, e de uma outra a que dão o nome de ‘Bosio’. E as que ficam no meio verei logo assim, de passagem, e conforme descubra vestígio de ouro ou especiarias, resolverei o que hei de fazer. Agora, porém, já me determinei a ir à terra firme, e também à cidade de Quisay, para entregar as cartas de Vossas Majestades ao Grande Cã, pedir resposta e regressar com ela”. (COLOMBO, 1984, pg. 52-53)

Diante do exposto, ainda que verse sobre uma pequena parcela da primeira viagem de Colombo, podemos evidenciar, para além de toda alegoria, que o próprio almirante atribuía às terras encontradas na América atributos decorrentes de sua fé cristã que as antagonizavam em relação a seu mundo. As terras antípodas da América parecem despertar no almirante uma obsessão cada vez mais crescente. Suas buscas incessantes delimitam suas vontades e sua trajetória, colocando em evidência a mentalidade e a figura desse europeu conquistador e devastador. Nos primeiros contatos com o diferente e o maravilhoso e na procura pelas riquezas tão almejadas, tudo se torna alvo para os europeus, e se em determinado lugar não venha a ser descoberto o ouro poderá haver outra riqueza para se tirar proveito. Para Colombo, ter chegado às "índias" era um triunfo. Em sua visão, a chegada ao Paraíso terrestre e seu “descobrimento” era o maior feito do mundo cristão. De acordo com o próprio Colombo (1984, pg.113), “[...] espero em Nosso Senhor, haverá de ser a maior honra da cristandade que assim, com tanta rapidez, tenha jamais aparecido”. As terras desse “Novo Mundo” eram a prova de sua fé e a honra que o seu Deus o havia concedido.

3.2 A FIGURA DOS NATIVOS ATRAVÉS DO OLHAR DE CRISTÓVÃO COLOMBO

Diante de tudo o que aqui já foi apresentado sobre o pensamento do homem medieval representado pela figura de Colombo e o impacto do encontro com o espaço e a natureza existentes na América, existe também um outro aspecto de extrema. As percepções e considerações que pairam sobre o imaginário de Cristóvão Colombo acerca dos índios⁶, assim como os diversos aspectos já explorados aqui, refletem a cultura do mundo europeu cristão e, conseqüentemente, o julgamento que os homens desse mundo operam em relação ao “outro”. Em um momento inicial, o olhar do almirante se volta para os nativos das ilhas americanas mais devido ao deslumbramento que lhe provoca a visão da natureza, conforme explicou Todorov:

“Colombo fala dos homens que vê unicamente porque estes, afinal, também fazem parte da paisagem. Suas menções aos habitantes das ilhas aparecem sempre no meio de anotações sobre a Natureza, em algum lugar entre os pássaros e as árvores. ‘No interior das terras, há muitas minas de metais e inúmeros habitantes’ (Carta a Santagel, fevereiro-março, 1493). ‘Até então, ia cada vez melhor, naquilo que tinha descoberto, pelas terras como pelas florestas, plantas, frutos, flores e gentes’. (Diário 25.11.1492)”. (TODOROV, 2019, pg. 47)

Ao reparar nos nativos presentes nas ilhas que percorre, Colombo apresenta em suas declarações um nítido incômodo diante de uma característica muito específica. Com efeito, a nudez dos indígenas é descrita em seus relatos inúmeras vezes, denunciando um verdadeiro choque cultural. Segundo Todorov (2019), para os europeus, as vestimentas simbolizam significativamente sua própria identidade cultural. Em seu primeiro relato sobre os nativos, que consta em seu diário (11.10.1492), Colombo expressa esse choque ao salientar o que segue (1984, pg. 45): “[...] me pareceu que era gente que não possuía praticamente nada. Andavam nus como a mãe lhes deu à luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta rapariga.” A visão do conquistador deixa claro não somente o choque cultural existente entre esses indivíduos de mundos distintos, mas também a relação de superioridade que esse homem europeu estabelece ao se conceber em relação ao “outro”. Na percepção do europeu, conforme apresentou Todorov (2019, pg. 48), “[...] apesar de nus, os índios parecem mais próximos dos homens do que dos animais.” Embora se assemelhem mais aos homens do que aos animais, na visão e interpretação de mundo desse homem europeu, ainda fortemente vinculado ao mundo medieval, os índios são analisados e concebidos como selvagens.

Ainda diante desse primeiro contato do Almirante com os índios, percebemos outras impressões acerca da diferença existente entre o “eu” e o “outro” na visão de mundo do

⁶ Nome dado por Cristóvão Colombo aos habitantes das ilhas da América, pois o almirante acreditava ter chegado às Índias, sem sequer imaginar que estava pisando em um continente desconhecido até então pelos europeus.

homem europeu. Ao tratar de aspectos mais específicos em relação aos nativos, como por exemplo, ao trabalho e a religião o almirante ressalta em seus relatos:

“[...] Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar.”
(COLOMBO, 1984, pg. 45)

Conforme já apresentado anteriormente, a visão de Cristóvão Colombo representa percepções e afirmações imbuídas pelo eurocentrismo e, sobretudo, pelo cristianismo medieval que encerra grande parte de suas raízes. Segundo Todorov (2019), a compreensão em relação à cultura do “outro” não faz parte da experiência do homem europeu. Os encontros com os índios despertam a curiosidade de Colombo e, em determinados momentos, sentimentos que o deixam intrigado. Mas nunca se trata de uma busca pela compreensão do que esse “outro” sente, enxerga e representa por si mesmo. Em diversas passagens dos relatos feitos por Colombo em relação ao encontro com os índios fica evidente não somente o que o conquistador enxerga com seus próprios olhos, mas também suas ideias pré-concebidas em relação aos próprios índios, ao espaço, à natureza e também às riquezas que tanto deseja encontrar. Na concepção de Cristóvão Colombo tudo parece se mesclar, mesmo que alguns aspectos pareçam ter para ele mais importância que outros numa certa esquematização hierárquica. Em um de seus relatos iniciais percebemos a fusão de tudo o que é novo para o almirante, principalmente no que diz respeito aos nativos e às suas prioridades dentro de tudo que é exposto (13.10.1492):

“Assim que amanheceu, veio até a praia uma porção desses homens, todos jovens, como já disse, e todos de boa estatura. É gente muito bonita: os cabelos não são crespos, mas lisos e grossos, como cerdas de cavalo, e todos de rosto e cabeça bem mais largos que qualquer geração que tenha visto até agora, com olhos muito bonitos e nada pequenos, e entre eles não há nenhum negro, a não ser da cor dos canários; nem se deve esperar outra coisa, pois esta terra está a lés-oeste da ilha de Ferro, na Canária, em linha reta. Todos sem exceção, têm pernas bem torneadas, e nenhum tem barriga, a não ser muito bem feita. Vieram até a nau em pirogas, feitos do tronco de uma árvore, como um barco comprido e de um só pedaço, e lavradas que eram uma maravilha, segundo o costume local, e tão grandes que algumas continham quarenta ou quarenta e cinco homens, e outras, menores, onde inclusive cabia apenas uma pessoa. Remavam com uma pá semelhante às de forno e correm que dá gosto; e quando emborcam, todos logo se põem a nadar para endireita-las, esvaziando-as com cabaças que levam junto com eles. Traziam novelos de algodão desfiado,

papagaios, lanças e outras ninharias que seria cansativo enumerar, querendo trocar por qualquer coisa que a gente desse. E eu estava atento, me esforçando para saber se havia ouro, e vi que alguns traziam um pedacinho pendurado num furo que tem no nariz e, por sinais, consegui entender que indo para o sul ou contornando a ilha naquela direção, encontraria um rei que tinha grandes taças disso e em vasta quantidade. Sugeri que fossem buscar e depois vi que não compreendiam a minha ideia. Resolvi esperar até amanhã de tarde e então partir rumo ao sudoeste, pois segundo muitos indicaram, havia terra ao sul e ao sudoeste, e que essas do noroeste eram muitas vezes atacadas por forasteiros, e desse modo ir ao sudoeste à procura de ouro e pedras preciosas naqueles lugares.” (COLOMBO, 1984, pg. 45-46)

Para Colombo, tudo o que representa as ilhas desse “Novo Mundo” tem uma conotação específica e peculiar. Ao descrever os nativos, por exemplo, o almirante faz questão de salientar suas características físicas, assim como havia destacado sua nudez. O seu primeiro impacto quando da visão dos índios deixa evidente o choque existente para além da dimensão cultural que evidentemente ocorre no processo de “descoberta” do “outro”. A percepção dos nativos por meio de suas características físicas revela a necessidade de demarcar as diferenças entre o “eu” e o “outro” com o intuito de consagrar a disparidade. Mas para o conquistador, nesse caso, a disparidade só está presente na figura do homem europeu em relação aos índios da América, pois, conforme ia desembarcando nas diferentes ilhas americanas, sua percepção sobre os nativos concentrava-se a priori em suas características físicas, não distinguindo assim uns dos outros (1984, pg. 51), “Os habitantes se assemelhavam aos que já tínhamos encontrado, nas mesmas condições, também nus e com idêntica estatura.” (17.10.1492). Para Todorov (2019), não é de surpreender que Colombo enxergue todos os índios da mesma forma. Na concepção do europeu, esses nativos são todos culturalmente iguais. São indivíduos à espera da civilização espanhola e do Deus cristão.

Cristóvão Colombo se mostra em seus relatos convencido de que os índios que encontra nas ilhas que percorre são o caminho para se chegar às riquezas dessa terra. Diante dos nativos e a impressão de que se encontram maravilhados com a chegada dos espanhóis, o conquistador exalta a boa-fé com que eles recebem os europeus, conforme relatado em seu diário (22.10.1492):

“A noite inteira e todo o dia de hoje estive aqui aguardando para ver se o Cacique local ou outras pessoas trariam ouro ou qualquer coisa de valor, e vieram muitos habitantes, parecidos com os que encontramos nas outras ilhas. Alguns usavam pedaços de ouro pendurados no nariz, que de bom grado trocavam por miçangas; mas é tão pouco, que nem vale a pena; e é verdade que se contentam com tudo que lhes dê, e consideram a nossa chegada como uma verdadeira maravilha, achando que viemos do céu.” (COLOMBO, 1984, pg. 54)

A visão de Colombo, somente confirma sua percepção acerca da inferioridade que atribui aos nativos americanos diante do homem europeu. Ao declarar que os índios se contentavam com tudo que lhes era oferecido pelos espanhóis, que acreditam que eles tinham vindo do céu e que sua presença era uma verdadeira maravilha, o almirante mais uma vez concebia sua cultura e sua ideologia como superior aos nativos que lhe eram desconhecidos, passíveis, por isso, de serem facilmente manipulados e subjugados. O imaginário do homem europeu, nesse processo representado pela figura de Colombo, não só idealiza uma representação passiva e obediente desses nativos como conclui que eles necessitam da inscrição europeia e, mais precisamente, espanhola.

Conforme já citado anteriormente, além das riquezas, Colombo também possuía o desejo de evangelizar os indivíduos que encontrara nas ilhas em que desembarcou. Este desejo fez parte de seus objetivos desde a concepção de seu projeto. Devido à sua devoção ao cristianismo e à Igreja, seus objetivos de explorador e disseminador da fé se conjugaram, uma vez que acreditava que os nativos americanos seriam facilmente cristianizados, conforme descreveu Mahn-lot:

“Colombo mudou então seu objetivo. Seus guias lhe comunicaram, por gestos, que no leste-nordeste, na ilha de Babeque, recolhe-se ouro à noite, à luz das tochas, que depois é transformado em barras, a golpe de martelos [o que aliás, é inteiramente falso...]. entretanto, ele não se apressou e percorreu a costa de Cuba em direção ao leste, desejoso de conhecer suas riquezas em especiarias, de reconhecer os lugares favoráveis a futuros estabelecimentos cristãos e de preparar o terreno para a evangelização que deseja...

Tenho como certo que, se homens religiosos e devotos conhecessem sua língua, eles se fariam todos, imediatamente, cristãos. Espero que Vossas Altezas se dediquem com grande diligência a fim de dar à Igreja tão grandes povos e de convertê-los⁷.

Colombo persuade alguns deles a acompanhá-lo:

Assim, aprenderão nossa língua e adotarão nossos costumes e as coisas da Fé; pois vejo que essas pessoas não têm nenhuma seita e não são idólatras, mas muito gentis e nada sabem do mal, seja matar ou capturar; são tão medrosos que um só dos nossos, para divertir-se, pode fazer fugir cem deles. Sabem que há um Deus no céu e estão persuadidos de que viemos do céu. Cada prece que recitamos, eles a repetem, e fazem o sinal da cruz.” (MAHN-LOT, pg. 56-57)

As interpretações do almirante, ao analisar e descrever os aspectos religiosos em relação aos nativos promovem e afirmam as crenças enraizadas na visão de mundo desse homem europeu com características muito mais próximas do mundo medieval do que do mundo moderno. O fato de Colombo acreditar que os índios podiam ser facilmente convertidos ao cristianismo, pois de acordo com as suas perspectivas esses nativos

⁷ Trecho redigido por Cristóvão Colombo e apresentado no livro de Marianne Mahn-Lot, mas que aparece sem identificação de onde foi retirado.

representam uma folha em branco à espera de Deus, de um rei e da civilização. Compreender a cultura dos nativos e entender que o choque cultural também ocorria para eles foram tarefas que não se aplicaram a Cristóvão Colombo.

Não é de surpreender que nessa primeira viagem e nesse primeiro contato com os habitantes desse “Novo Mundo”, as observações e indagações feitas por Colombo sejam completamente equivocadas e representem uma visão de mundo eurocêntrica. Suas convicções estão e permanecem alicerçadas na moral cristã de seu tempo, denunciando um observador que só percebe o outro que lhe é desconhecido a partir de esquemas maniqueístas. Diante disso, acerca da visão apresentada por Colombo em relação aos índios, podemos constatar, conforme descreveu Todorov (2019, pg. 52), que “[...] além de dependerem do ponto de vista de cada um, são qualidades que correspondem a extremos e não a características estáveis, porque relacionadas à apreciação pragmática de uma situação, e não ao desejo de conhecer.” Assim, compreendemos que a figura desses nativos da América através do olhar de Cristóvão Colombo é apreendida numa dualidade esquemática que abrange diferentes aspectos e a representa como a mais distinta e a mais selvagem possível.

3.3 A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI E OS IMPACTOS DO CRISTIANISMO: A ALTERIDADE EXISTENTE NA AMÉRICA ESPANHOLA

Pensar os impactos que o processo de conquista e a própria colonização da América Espanhola causaram sobre os diferentes âmbitos das sociedades nativas, como por exemplo, na cultura e na religião, conduz ao problema da alteridade dos nativos, a saber, o da negação identitária e da subjugação brutal promovidas pelo europeu sobre os habitantes do mundo ameríndio. A cristianização dos índios através de um imaginário ligado às raízes medievais dos conquistadores e colonizadores europeus foi, sem dúvidas, um dos aspectos mais impactantes.

O abismo entre essas duas culturas, além das tensões em diversos aspectos, trazia consigo concepções distintas de religião. Contudo, para o conquistador, a partir de sua visão eurocêntrica, não existia religiosidade na América. Os índios, conforme já apresentado anteriormente, eram criaturas sem devoção que careciam da figura de um Deus. Ainda que essas percepções, apresentadas de início por Colombo e posteriormente por outros colonizadores europeus, fossem inteiramente falsas, a realidade dos nativos desse espaço

jamais foi um critério a ser levado em consideração quando se tratava de sua cristianização. Conforme apresentou Serge Gruzinski:

“A ‘realidade’ colonial transcorria num tempo e num espaço distintos, baseava-se em outros conceitos de poder e de sociedade, desenvolvia abordagens específicas da pessoa, do divino, do sobrenatural e do além. [...]. E, no entanto, os evangelizadores queriam que os índios aderissem justamente o aspecto mais estranho dessa realidade exótica, sem referente visível, sem ancoragem local: o sobrenatural cristão.” (GRUZINSKI, 2003, pg. 271)

Esse sobrenatural cristão derivado de uma mentalidade medieval representava de maneira excepcional o abismo entre o europeu e o “outro” desse mundo tão divergente. Através do imaginário cristão, semeado e perpetuado na essência desse homem europeu, os conquistadores e evangelizadores viam e caracterizavam as manifestações religiosas dos nativos como a representação do próprio satanás (Gruzinski, 2003). Nesse sentido, qualquer tipo de manifestação de religiosidade das sociedades indígenas era concebido como franca ameaça ao projeto de cristianização espanhol. O papel da Igreja dentro desse contexto foi de extrema importância para disseminar o ideal cristão e erradicar os aspectos identitários da alteridade no espaço conquistado e colonizado. “A Igreja limitou o âmbito da realidade significativa, fazendo daquilo que excluía manifestações do demônio, desvios do bom senso ou mero embuste.” (Gruzinski, 2003, pg. 273). O modo mais eficiente para se atentar contra os elementos distintivos do “outro” indígena se deu no âmbito religioso mediante a massiva e violenta catequização dos índios.

As barbáries cometidas contra os indígenas através do processo de catequização justificavam para os espanhóis não somente a conquista religiosa, mas também a subjugação violenta que proporcionava aos agentes da colonização o enriquecimento desenfreado e instrumentalização do “outro” a todo custo em próprio benefício. Segundo Lucas Borges de Carvalho (2004, pg. 3), “A conquista, na prática, foi marcada por esses dois aspectos: os cristãos vêm ao Novo Mundo imbuídos de religião e levam, em troca, metais preciosos e riquezas.” Considerando que o enriquecimento sempre foi parte do plano da conquista e da colonização, a catequização e cristianização daqueles que foram vistos como indivíduos em potencial capazes de proporcionar tal enriquecimento eram o caminho mais propício e assertivo justificados pelas instituições estatais e eclesiásticas.

A iconografia cristã teve um papel fundamental na catequização dos índios e no processo de assimilação da alteridade originária na América. Para tanto, os processos de demonização da cultura autóctone se tornaram um dos mecanismos mais utilizados pela arte religiosa dos colonizadores. Segundo Gruzinski:

“[...] os cânones esfumavam parcialmente sob a projeção das interpretações indígenas, que davam outros sentidos e outros contornos às imagens da fé cristã. Mesmo assim, a pregação repetida ano após ano e a multiplicação das imagens cristãs contribuíram para familiarizar os índios com o sobrenatural ocidental, ainda que sempre dentro dos limites impostos pela estranheza das palavras, pelo exotismo dos traços e pelo peso das interpretações indígenas.” (GRUZINSKI, 2003, pg. 277)

A estranheza existente por parte dos indígenas em todo esse processo condiz com os aspectos identitários de suas sociedades, assim como sua gradual violação correspondia à atitude fundamental do europeu cristão. O referido processo foi sempre legitimado de forma unilateral, uma vez que a incompreensão do outro era prerrogativa exclusiva da atitude do invasor. Mas ainda, o processo de cristianização da América Espanhola se tornou cada vez mais perverso na medida em que o mundo do “outro” nada mais representava ao agente europeu do que uma realidade à disposição para seu próprio benefício e fortalecimento.

Os impactos do cristianismo sobre o mundo americano também se tornaram gradativamente mais visíveis na medida em que os colonizadores encontravam, em suas próprias concepções, os elementos que justificavam os meios e os fins das barbáries por eles cometidas em nome de Deus. A disseminação da fé cristã para os nativos da América, mesmo que ocorresse de maneira violenta, na visão do conquistador e colonizador, se fazia necessária e compreensível, pois, conforme descreveu Carvalho (2004, pg. 5), “[...] os espanhóis chegaram à América certos da superioridade de sua civilização e de seus valores. Os outros eram bárbaros, pagãos. Canibais, que não conheciam a escrita, a tração animal, nem é claro, o único e verdadeiro Deus.”

3.3.1 Conquista espiritual: vieram do céu e destruíram o Paraíso

A conquista da América Espanhola e conseqüentemente sua conquista espiritual, sem sombra de dúvidas, promoveram o genocídio das sociedades nativas e marcaram o início da dominação cristã dentro do continente americano. Segundo Paulo Suess (1992, pg. 8), “Tzvetan Todorov confirma que a palavra genocídio descreve ‘com precisão’ o extermínio dos povos indígenas das Américas, cuja população autóctone de 80 a 90 milhões, em 1500, foi, no prazo de um século reduzida a 10 milhões.” O papel dos conquistadores dentro do território americano, além de apropriação das riquezas materiais, englobou o âmbito espiritual, condenando não somente os índios, mas toda sua cultura, costumes e religiosidade. Esse conquistador imbuído de perspectivas e concepções no mínimo preconceituosas e

violentas, desempenhou muito bem o seu papel de destruidor da identidade alheia, conforme o não reconhecimento do “outro” foi perpetuado e legitimado sem grandes empecilhos.

A destruição ocorrida na América pode ser caracterizada como um evento traumático dentro da história da conquista e colonização. Os processos de evangelização dos povos nativos foi um dos grandes fatores que contribuíram para tal destruição. Os europeus destruíram o que eles próprios acreditavam ser o Paraíso terrestre a eles destinado por Deus. Mas a destruição e a violação não podem ser atribuídas única e exclusivamente à ação direta dos homens, mas também às representações que estruturavam seu imaginário muito antes de penetrarem o “Novo Mundo”. Mas as ideias perpetuadas no cristianismo através das interpretações teológicas e as ações de seus seguidores andaram de maneira conjugada.

Segundo Suess:

“Historicamente não é correto computar a violência da Conquista ao caráter nacional de espanhóis ou portugueses. Na avaliação da Conquista Espiritual das Américas, não está em jogo a crueldade de uma ou outra nação europeia, mas, sobretudo, a ambivalência do próprio cristianismo. A integridade do Evangelho não garante a integridade da ação histórica dos evangelizadores. Embora a destruição de vidas e a colonização de povos não encontrem argumentos no Evangelho, de fato encontrou colaboradores entre os evangelizadores.” (SUESS, 1992, pg. 10)

Desde o processo de conquista, iniciado ao final do século XV, até a consolidação do empreendimento colonizador, a partir do século XVI, os movimentos da conquista espiritual se fizeram presentes. Tais fenômenos consolidaram, durante todo o processo de colonização, a permanência do que na Europa já ocorria há alguns séculos, ou seja, os movimentos de conquista, violência e submissão dos infiéis e pagãos como expressão de vitória do sagrado sobre o profano. O que ocorreu na América Espanhola de certa forma se assemelhava aos processos de cristianização ocorridos anteriormente na Europa medieval, porém, com as devidas peculiaridades relacionadas ao processo histórico do continente americano.

Segundo Suess:

“O ambiente fechado do padroado – quase em condições de laboratório - permitiu a continuidade de padrões medievais no trabalho missionário das Américas. [...]. E Cortés, em sua segunda carta-relação, de 1520, podia abertamente comunicar a Carlos V que mandou ‘por prevenção’ trancar um grande número de índios de Churultecal numa sala. Em seguida deu ordem a seus soldados para mata-los e tacar fogo na cidade: ‘Em poucas horas morreram mais de três mil homens’. A aliança entre a cruz e a espada teve papel decisivo na fundação da Europa cristã e no forjamento da América católica.” (SUESS, 1992, pg. 11-12)

O desenrolar da Conquista Espiritual da América Espanhola em seus diferentes aspectos confirmou e reafirmou o que já há muito tem sido apresentado e salientado em relação a esse mesmo momento histórico e todos os processos nele implicados. A conquista

do continente americano e sua conseqüente colonização, que se fez entre a cruz e a espada, como salientado por Suess, ilustrou um dos processos mais perversos da história da humanidade e também o seu maior genocídio.

Diante disso, o que de fato se deu com os nativos da América durante todo o processo conturbado de conquista e colonização, quando duas culturas distintas passaram a coexistir no mesmo espaço? Se no primeiro contato os indígenas acreditavam que o conquistador europeu tinha vindo do céu, logo em seguida perceberam que nada de divino poderia haver nas atrocidades cometidas contra seu povo. Segundo o Frei Bartolomé de Las Casas:

“Podemos dar conta boa e certa que em quarenta anos, pela tirania e diabólicas ações dos espanhóis, morreram injustamente mais de doze milhões de pessoas, homens, mulheres e crianças; e verdadeiramente eu creio, e penso não ser absolutamente exagerado, que morreram mais de quinze milhões.” (LAS CASAS, 2021, pg. 33)

Para o Bispo de Chiapas,⁸ os espanhóis utilizaram das formas mais perversas contra os indígenas a fim de saciar seus desejos e suas ambições. Las Casas (2021), salienta também que o ocorrido na América Espanhola nada mais foi do que uma guerra injusta, cruel, tirânica e sangrenta, pela qual os indígenas tornaram-se alvos da ambição por enriquecimento dos espanhóis. Nesse sentido, no contexto em que se deu a colonização, a tirania dos espanhóis provocou e consolidou o genocídio ameríndio sem qualquer arrependimento ou culpa. Os nativos da América dominados através da violência passaram a ver no conquistador os símbolos da opressão e da destruição.

A denúncia feita por Las Casas dos desmandos do colonizador espanhol partia da defesa dos indígenas como seres humanos que possuíam uma alma e, por isso, deveriam ser convertidos à fé cristã sem os meios brutais perpetrados pelos europeus. Mas, ainda que houvesse a tentativa de defesa dos indígenas como a empreendida por Las Casas, a cristianização consistia, para todos os efeitos, sempre em mecanismo de dominação e destruição da cultura originária, fosse realizada de maneira pacífica ou não. Em síntese, a cristianização do “outro” pressupõe a superioridade que distingue o cristão do não cristão e submete o último ao primeiro. De todo modo, para Las Casas, os espanhóis não se preocupavam em como os métodos pacíficos no processo de cristianização, mesmo tendo sido esse o desejo inicial de Colombo, estavam muito mais preocupados em obter riquezas (2021,

⁸ Embora a Las Casas seja atribuído um papel controverso no âmbito da conquista espiritual da América, uma vez que participou ativamente do processo de cristianização dos índios, sem levar em conta, portanto, a cultura religiosa já existente dentro de suas sociedades, sabe-se que, posteriormente, chegou a lamentar a sorte dos autóctones pela brutalidade da colonização, cogitando até mesmo ter sido preferível deixar à escolha das populações indígenas o estabelecimento ou não dos europeus no “Novo” Mundo.

pg. 34): “A causa pela qual os espanhóis destruíram tal infinidade de almas foi unicamente não terem outra finalidade última senão o ouro para enriquecer em pouco tempo [...]”. A cristianização acontecesse de maneira violenta ou não, foi real dentro da América, um mecanismo eficaz de dominação fosse ela para garantir a obediência, ganhar almas para o reino de Deus ou para se obter vantagens e riquezas.

Os relatos feitos por Las Casas em relação à presença dos espanhóis no território americano deixam evidente o tipo de relação estabelecida entre conquistadores e conquistados, ou seja, a dominação que se estabeleceu mediante a violência explícita e a brutalidade legitimada. A fim de ilustrar a violência e os desmandos que caracterizaram a conquista e a colonização, vale a pena elencar uma breve relação de excertos:

“Os espanhóis nunca tiveram nenhuma guerra justa contra os índios. Todas foram diabólicas e muito injustas, mais do que as de qualquer tirano que existia no mundo.” (LAS CASAS, 2003, pg. 38)

“Avançaram cometendo grandes e notáveis crueldades, matando, incendiando, queimando, torrando índios e lançando-os aos cães...” (LAS CASAS, 2003, pg. 43)

“Caciques e índios dessa Terra: Nós vos fazemos saber que existe um Deus, um Papa. Vinde render-lhes homenagem porque senão vos faremos guerra, vos mataremos...” (LAS CASAS, 2003, pg. 47)

“E ainda hoje, nesse mês, estão sendo praticadas e cometidas as mais odiosas e abomináveis atrocidades...” (LAS CASAS, 2003, pg. 55)

“Os índios, vendo que não poderiam aplacar nem enternecer esses corações desumanos e enraivecidos, se juntaram para morrer em guerra e vingar-se o melhor possível.” (LAS CASAS, 2003, pg. 65)

“Ali poderiam ter vivido como num paraíso terrestre, se disso não tivessem sido indignos em virtude de sua grande avaréza e enormes pecados.” (LAS CASAS, 2003, pg. 74)

“Se enumerasse crueldades, matanças, desolações, iniquidades, violências e massacres que os espanhóis cometeram, faria eu uma história bem grande.” (LAS CASAS, 2003, pg. 81)

As passagens acima transcritas exemplificam de modo evidente como, a partir do final do século XV e durante todo o século XVI, o homem europeu se apossou da América e a destruiu em todos seus aspectos, tendo sido os indígenas os mais prejudicados e violentados em todos os âmbitos. O Paraíso ameríndio presenciou e vivenciou uma sangrenta história de conquista, atribuída à cultura, aos costumes e principalmente à mentalidade do predador europeu, que, ainda enraizado na tradição cristã medieval, nada mais fez senão atormentar e destruir.

Mas, além da violência instituída em todo esse processo, outros fatores relacionados à presença do conquistador na América levaram ao genocídio dos nativos e ao conseqüente atentado contra suas culturas. Em relação ao genocídio ameríndio, Francisco Iglésias destacou:

“[...], a maioria morreu, vítima não só da violência do explorador como de doenças transmitidas pelo branco – eles trouxeram algumas, ante as quais o organismo do índio não tinha reação; contaminado sucumbia, em devastadores surtos epidêmicos. Se o invasor trouxe o sarampo, a gripe, a varíola e outros males [...]. Além da guerra de flechas e armas de fogo, houve a guerra bacteriológica, na qual também os europeus terão levado vantagem.” (IGLÉSIAS, 1992, pg. 31)

Todos os aspectos relacionados à presença dos espanhóis na América evidenciam integralmente desastres e destruições. As constantes violações sejam elas do espaço ou das sociedades, cometidas por esses apontam não somente a incompreensão e a não percepção em relação ao “outro”, ao diferente. Atestam também a deturpação constante da religiosidade indígena por meio da fé cristã. A questão do “outro” se tornou cada vez mais inflamada e intransponível na medida em que a concepção de mundo estabelecida pelo invasor foi legitimada por um sistema singular no qual o Estado e a Igreja favoreceram, fosse pela omissão, fosse pela promoção direta, as atrocidades cometidas durante o período. Nesse sentido, as conquistas militar e espiritual e a colonização da América Espanhola foram concebidas por meio de processos eficientes e brutais. O olhar do invasor em relação ao espaço americano e aos nativos ali viviam decorreu de um imaginário igualmente perverso, visto em íntima consonância com as ações perpetradas. Foi precisamente no marco desse imaginário que se iniciaram os processos que levaram às violações e às barbáries cometidas na América Espanhola, assim denominada pelos invasores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras de obras e da análise de documentos que retratam os períodos históricos abordados, o presente trabalho buscou apresentar a relação existente entre dois processos distintos, mas com um aspecto em comum. O imagético cristão medieval que se consolidou na Europa a partir do ano mil e a sua recorrente expansão e imposição para a América Espanhola expõe como a mentalidade do homem europeu não se transformou de acordo com os avanços ocorridos mediante a passagem do mundo medieval para o mundo moderno. Diante disso, o processo de conquista e colonização da América Espanhola sofreram recorrentes e violentos impactos desse imaginário cristão. Nesse sentido, as concepções e perspectivas abordadas através da figura dos conquistadores europeus foram enfatizadas com o intuito de demonstrar como esses processos ao mesmo tempo em que externam um sentimento de maravilhamento, no que diz respeito ao espaço que encontram e a exuberância de sua natureza, apresentam também um sentimento de horror ligado ao “outro” e tudo a ele relacionado.

Diante do cenário existente nesses processos de conquista da América e sua consequente colonização, o choque entre duas culturas distintas foi um dos fatores mais emblemáticos desse momento histórico. Através do olhar e das percepções do homem europeu sobre o território americano e, principalmente sobre as sociedades nativas, determinaram os impactos das ações empregadas desde o momento da “descoberta”. Ainda que a conquista da América Espanhola tenha envolvido diversos aspectos, a relação entre conquistadores e conquistados ganhou uma posição de destaque, pois foi a partir dessa configuração de dominação por parte dos europeus que ocorreu o maior genocídio da história.

Dessa maneira, foi importante considerar a ligação que se estabeleceu entre o mundo medieval cristão, o movimento de conquista e a manutenção da colonização do continente americano. A mentalidade proveniente da cristandade medieval foi de extrema importância, uma vez que, tanto a conquista do território como a conquista espiritual utilizaram como uma de suas principais justificativas a expansão da fé cristã. Além disso, o papel desempenhado pelo conquistador, que teve Cristóvão Colombo como figura central, promoveu e fortaleceu não só a conquista, mas também, a desaprovação à alteridade presente dentro da América. À medida que ocorria a constante violação da cultura dos povos ameríndios, ocorria também o

avanço da imposição da cultura ligada ao mundo europeu, principalmente no âmbito da religiosidade.

A influência do cristianismo medieval representada através de seu imaginário provocou a usurpação do espaço americano e a destruição das sociedades ali presentes. O Paraíso terrestre idealizado por Colombo e por tantos outros conquistadores se tornou para os nativos um verdadeiro tormento à medida que as ideias e ações do homem europeu permeavam o território. As atrocidades cometidas em nome de Deus e da fé estavam diretamente ligadas ao aspecto imagético, que além de buscar a conversão dos indivíduos considerados selvagens, buscavam o enriquecimento da Espanha e da Igreja através de tudo que fosse propenso à exploração desse Paraíso. Ambos objetivos tiveram sucesso dentro do terrível cenário da conquista, mas o maior feito dos europeus dentro da América Espanhola foi caracterizado pelo genocídio de quase trinta milhões de indígenas.

Através dos relatos feitos por Cristóvão Colombo em seus diários, é possível compreender como a mentalidade, tão mencionada e tão importante dentro desse processo histórico de conquista foi decisiva diante do olhar direcionado a tudo que dizia respeito ao “Novo Mundo”. Sua visão de mundo ligado ao medieval cristão fortaleceu suas ideias concebidas a respeito do espaço e dos índios, estimulando e justificando a conquista e sua consequente colonização. Ainda, Os relatos feitos pelo Frei Bartolomé de Las Casas, sobre a massiva violência contra os nativos e a destruição de seus territórios, coloca em evidência as atrocidades cometidas no período da dominação espanhola. Diante do exposto, é de extrema importância considerar, que a atuação dos colonizadores dentro da América Espanhola foi fruto da construção da cultura europeia que propagou a intolerância e o sentimento de superioridade em diferentes âmbitos.

A produção e propagação do imaginário cristão medieval teve um importante papel dentro e fora do continente europeu. A influência do cristianismo sobre os fiéis contribuiu para sua gradual expansão e dominação, justificando os movimentos empreendidos por esses qualquer que fosse o espaço pretendido. Avançar, conquistar, violar e dominar foram práticas que por muito tempo fizeram parte das ações do homem europeu. Embora tenha sido construída a partir de inúmeras e diferentes questões, a conquista da América não ficou de fora do modelo que há muito tempo era utilizado por esses. O imaginário religioso teve um lugar de destaque, uma vez que, em todo momento o projeto idealizado por Colombo fazia presente sua religiosidade e suas ambições ligadas a tal. Nesse sentido, a conquista territorial

e espiritual da América contou com o apoio de importantes instituições do período, consolidando a violenta dominação espanhola através da cruz e da espada.

FONTES

COLOMBO, C. **Diários da descoberta da América:** As quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1984.

CASAS, B. de las. **O paraíso destruído:** brevíssima relação da destruição das índias Ocidentais. Porto Alegre: L&PM, 2021.

REFERÊNCIAS

ATTALI, J. A América por acaso, o Oriente por necessidade. In: _____. **1492**. Lisboa: Teorema, 1991. pg. 105-130.

BASCHET, J. **A civilização feudal:** do ano 1000 à colonização da América. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2006.

BAUMANN, T. B. Imagens do “outro mundo”: o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental. In: VAINFAS, R. (org.) **América em tempo de conquistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. pg 58-76.

CARVALHO, L. B. de. Direito e barbárie na conquista da América Indígena. **Revista da Faculdade de Direito, UFPR**, v. 43, n. 0, 2005. p. 1-17. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/7024/5000>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

DOMINGUES, B. H. O medieval e o moderno no mundo ibérico e Ibero-Americano. **Estudos Históricos**, v. 10, n. 20, 1997. p. 195- 216. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2052/1191>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

DUBY, G. **A Europa na Idade Média**. 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1988.

GALEANO, E. Outubro. In: _____. **Os filhos dos dias**. Porto Alegre: L&PM, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/50202965/Eduardo_Galeano_Os_Filhos_dos_Dias>. Acesso em: 23 set. 2022.

GRUZINSKI, S. A cristianização do imaginário. In: _____. **A colonização do imaginário:** Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Pg. 271-294.

HIUZINGA, J. A representação do sagrado. In: _____. **O outono da Idade Média**. 2. ed. São Paulo: Cosacnaify, 2011. p. 247-285.

IGLÉSIAS, F. Encontro de duas culturas: América e Europa. **Estudos Avançados**, v. 6, n. 14, 1992. p. 23-37. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/Cy6CSJcWShQPxDcMs76wpm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 08 set. 2022.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

_____. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Uma longa Idade Média**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MAHN-LOT, M. Gênese da descoberta. In: _____. **Retrato histórico de Cristóvão Colombo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. pg. 21-49.

_____. O Novo Mundo. In: _____. **Retrato histórico de Cristóvão Colombo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. pg. 50-73.

MARAVALL, J. A. Los orígenes medievales del sentimiento de comunidad hispánica. In: _____. **El concepto de España en la Edad Media**. 3. ed. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1981. p. 17-27. Disponível em: <>. Acesso em: 28 jul. 2022.

MARTINS, L. C. Os conversos e a inquisição no reinado de Isabel I de Castela (1451-1504) e Fernando II de Aragão (1452-1516) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Goiás. p. 1-14. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Lorena_C_Martins_-_OS_CONVERSOS_E_A_INQUISI%C3%87%C3%83O_NO_REINADO_DE_ISABEL_I_DE_CASTELA_\(1451-1504\)_E_FERNANDO_II_DE_ARAG%C3%83O_\(1452-1516\).pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Lorena_C_Martins_-_OS_CONVERSOS_E_A_INQUISI%C3%87%C3%83O_NO_REINADO_DE_ISABEL_I_DE_CASTELA_(1451-1504)_E_FERNANDO_II_DE_ARAG%C3%83O_(1452-1516).pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2022.

NOGUEIRA, C. R. F. A reconquista Ibérica: a construção de uma ideologia. História, Instituciones, Documentos, n. 28, 2001. p. 277-295. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/22317/file_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SALE, K. 1492-93. In: _____. **A conquista do Paraíso: Cristóvão Colombo e seu legado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. pg. 92-120.

SUESS, P. Introdução. In: SUESS, P. (org.). **A conquista espiritual da América Espanhola**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1992. pg. 7-16.

TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

VALENTINI, C; RISTORTO, M. Bestiarios medievales e imaginario social. **Scripta Mediaevalia – Revista de pensamiento medieval**, vol. 8, n. 1, 2015. p. 13-24. Disponível em: <<https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/scripta/article/view/331/154>>. Acesso em: 07 maio 2022.

VALDEÓN, J. O século XV: a recuperação da coroa de Castela. In: VALDEÓN, J; PÉREZ, J; JULIÁ, S. **História de Espanha**. Lisboa: Edição 70, 2014. p. 125-138. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=pIoyBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=A+Espanha+do+s%C3%A9culo+XV&ots=01fUagkQ3n&sig=uZ8JkT0qZUKhsIEEN6t8kq8goTw#v=onepage&q=A%20Espanha%20do%20s%C3%A9culo%20XV&f=false>>. Acesso em: 30 jul. 2022.